

# PRESENÇA DA MULHER

BRDFANB5BV8.GNCLL.88020260 an002, p.1/36



## O homem é por natureza um ser opressor?

*Leia o encarte especial  
sobre a opressão da mulher  
e os rumos de sua luta*

**CAMPOS DO JORDÃO**

**construção habitacional  
utilizando madeira  
de reflorestamento**



***Campos do Jordão tem projeto  
habitacional para  
a população carente***



**empresa municipal de habitação**

RUA MANOEL PEREIRA ALVES, N.º 250 — CAMPOS DO JORDÃO - SP

LEI N.º 1368/83 DE 26/07/83 — C. G. C. 51.615.532/0001-74



# Avanços e desafios da nova mulher

**E**xatamente no dia 17 de julho completa um ano do surgimento da nossa revista. Apesar das dificuldades próprias de uma imprensa alternativa sem muitos recursos, vamos tentando sobreviver.

A receptividade tem sido boa, o que nos leva a pensar que nosso projeto calou fundo entre as mulheres, sedentas de explicações para seus sofrimentos e cheias de otimismo em um futuro melhor, insistindo na busca de caminhos para se livrar da opressão secular.

**P**ensamos que a melhor forma de comemorar este ano de existência seria propor às organizações femininas que apoiam a linha editorial da revista a realização de um encontro de mulheres. A idéia foi aceita e enfrentamos o desafio de fazer o 1º Encontro Nacional de Entidades Emancipacionistas.

Desta forma, mulheres de norte a sul do Brasil, que integram hoje as mais de quarenta e seis entidades que vinculam a emancipação da mulher ao fim da sociedade de exploração do homem pelo homem, estarão reunidas no Rio de Janeiro nos dias 17, 18 e 19 de julho. Debater a opressão da mulher, unificar campanhas de

luta e avançar na articulação nacional são os principais objetivos.

“Avanços e Desafios da Nova Mulher” é o tema do nosso encontro. Ele ocorre no momento em que o governo Sarney sucumbe ao capital estrangeiro, impondo um plano de arrocho salarial e carestia para o povo, e a Constituinte é fortemente golpeada pelas forças do atraso e da reação. Portanto, as mulheres estarão cerrando fileiras para se integrar na luta do povo brasileiro pela garantia de uma Constituição democrática e progressista, pelo fim do governo Sarney e por diretas em 88, em defesa da soberania nacional e da reforma agrária. Compreendem que as conquistas específicas, os direitos registrados nas comissões temáticas em Brasília, estarão comprometidos com o avanço da reação e do capital estrangeiro em nosso país. Por isso, continuarão lutando por seus direitos enquanto mulheres, mas não perderão de vista as grandes questões nacionais.

*Ana Maria Rocha*

## Nesta Edição



### O papel da imprensa feminina

Na passagem do primeiro aniversário da revista Presença da Mulher uma resenha dos principais periódicos que circularam no Brasil em defesa da emancipação feminina. 6

### O novo pacote econômico

Arrocho salarial e carestia desenfreada intranquilizam os lares brasileiros. 13

### Kathe Kollwitz

Um pouco da vida dessa artista plástica alemã por motivo dos cento e vinte anos da data de seu nascimento. Suas obras refletem a vida do povo. Oferecemos um brinde: a reprodução de um de seus desenhos. 10



### Constituinte

Avaliação dos resultados para as mulheres e o povo brasileiro dos relatórios aprovados em Brasília e a arrancada para a coleta de assinaturas das emendas populares. 28



### Violência em Alagoas

A evolução do caso da mulher marcada pelo marido e outros crimes de violência contra mulher. 23

### A luta das mulheres na Nicarágua

Em entrevista exclusiva, Glenda Monterey, secretária geral da AMNLAE, conta a participação das mulheres na luta de resistência do povo nicaraguense. 25

### Uma mulher na Academia Brasileira de Letras

A trajetória de Lygia Fagundes Telles até chegar a ocupar uma cadeira na ABL. 32



### E Mais...

|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| Cartas e Pontos de Vendas            | 4  |
| Retrato: As Costureiras              | 5  |
| Depoimento: Débora Dias              | 9  |
| Registro: a morte de Paulo Fontelles | 12 |
| Cultura                              | 14 |
| Encarte especial                     | 15 |
| Dicas                                | 24 |
| De Norte a Sul                       | 30 |
| Divirta-se                           | 34 |



Ao tomarmos contato com sua publicação "Presença da Mulher", resolvemos escrever-lhes, apresentando nossa Associação e cumprimentá-las pelo excelente nível dos artigos publicados.

A ASEP - Associação das Secretárias do Estado de São Paulo é a entidade representativa da classe no nosso Estado. Fundada em 11 de Janeiro de 1983, é filiada à ABES - Associação Brasileira de Entidades de Secretárias e tem como objetivos primordiais, promover, incentivar, organizar, desenvolver, valorizar e defender a secretária, zelando pela sua dignidade e prestígio.

Nossa luta tem sido árdua, mas temos recebido muito apoio, colaboração e incentivo de inúmeras empresas, entidades, jornais, TV, etc... É neste sentido que gostaríamos de contar com o apoio desta revista para divulgação de nosso trabalho, através da publicação de um artigo sobre o papel da secretária na empresa.

Solange de Carvalho Izzo

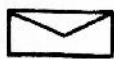


MULHER!

Oh! querida hominída e ancestral macaquinha  
Fostes um dia, de todas as tribos, a rainha  
Mas deixastes o passeio da vida nômade florida  
Pelos cuidados dos infantes, da casa e da comida  
Enquanto teus hominídas parceiros, na caça, tramaram  
Covardemente e com o valor da carne, tomaram  
Acenando mil promessas atraentes, te iludiram  
Provedores, entre eles, milênios de poder dividiram  
Te enganaram durante milhões de primaveras

Oferecendo proteção e mil outras quimeras  
Para garantir aos seus infantes bens e genética transmissão  
Inventaram a prisão, a fidelidade, o ciúme e a traição  
Então és como a luz, és onda, és linda, és corpo ardente  
Teus parceiros até hoje, perplexos, não te entenderam a natureza  
Com a involução esqueceram, teus valores, tua sina, tua grandeza  
E cansados das guerras, com as lutas desiludidos  
Agora imploram o retorno a teus valores perdidos  
E teu papel com urgência entre nós desocupado espera ainda  
A nova mulher, confiante, forte, rainha e linda  
Pois não mais queremos ser senhores, opressores  
Também não queremos ser escravos, culpados  
Mas queremos ser príncipes encantados  
E conviver contigo mil amores

Ivan Rocha - Brasília, 1984.



Tenho acompanhado as publicações da Revista "Presença da Mulher", através de exemplares que me chegam às mãos através da colega Lilian Martins.

Gostei muito da Revista não só pela atualidade e agilidade de seu conteúdo; como também pelo posicionamento diante dos problemas e lutas que envolvem as mulheres e que dizem respeito a todas as pessoas preocupadas em transformar esta sociedade injusta.

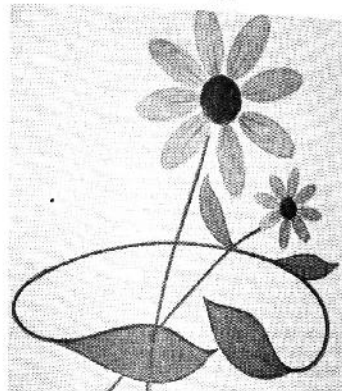
Afetivamente

Dermeval Corrêa de Andrade

Presidente do Centro Brasileiro de Pesquisa em Saúde Mental

## EXPEDIENTE

Elifas Andreato



**PRESENÇA DA MULHER** - Publicação trimestral da Editora Liberdade Mulher Ltda.

**Diretora:** Ana Maria Rocha

**Conselho Editorial:** Ana Maria Rocha, Jô Moraes, Olivia Rangel, Lilian Martins, Maria Amélia Teles, Sara Sorrentino e Adclina Bracco

**Jornalista Responsável:** Têlia Negrão Simon - M1 689 - PR

**Colaboradoras:** SP - Alda Marco Antônio, Bete Mendes, Gilda Portugal Gouvêa, Ilka Bichara, Liege Rocha de Paula, Maria de Lourdes Rodrigues, Maria Nilde Mascelani, Margareth Martha Arilha, Marina Pontual, Sílvia Pimentel, Sueli Carneiro; RJ - Clara Araújo, Jandira Feghali, Joselice A. C. Martins, Luiza Ribeiro Martins, Maria Alice Adão Antunes, Vitória Grabois; PR - Maria de Fátima de Azevedo Ferreira, Rosilei Vilas Boas Duarte; SC - Anita Pires; MG - Maria Amália Magalhães Fagundes, Maria Cecília Magalhães Gomes, Myriam Gontijo; RS - Jussara Cony, Marlise Saueressig, Maria de Lourdes Anagnostopoulos; DF - Mara Régia di Perna, Valdeir Caetano, Vera Manzollillo; GO - Denise Carvalho, Lúcia Rincon, Odete Ghanan; BA - Célia Bandeira, Lidice da Mata, Loretta Valadares, Dulce Aquino; PE - Ana Vasconcelos, Solange Almeida de Souza, Tereza Costa Rego; CE - Maria Daciane L. Barreto, Regine Lima Verde, Volia Maria Fonseca Rocha; AL - Faís Bentes Normande; SE - Tânia Soares; RN - Elizabeth Nasser; PI - Glória Sandes, Maria de Lourdes Carvalho Rufino; MA - Gidalia Cavalcante, Nádia Campeão, Luciene Dias Figueiredo; PA - Leila Mourão, Maria Socorro Gomes; AM - Lúcia Regina Antony; AC - Lilian Orfanó Figueiredo

**Projeto Gráfico:** Marina Pontual

**Diagramação:** Vinicius Garcia e Maria José Lopes

**Capa:** Pedro Oliveira

**Coordenadora de Divulgação, Publicidade e Assinaturas:** Maria Inês N. de Albuquerque Pupo

**Administração, Redação e Publicidade:** R. dos Bororós, 51 - 1º andar - Bela Vista - CEP 01320 - São Paulo - SP Fone: (011) 279.3646

**Composição, Fotolito e Impressão:** Pauta Editora Ltda. - R. Santo Amaro, 582 - Fone: 35.9738 - São Paulo - SP.

Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião dos editores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

## Pontos de venda

### São Paulo - capital

#### Livrarias:

Capitu - R. Pinheiros, 339 - Pinheiros  
Brasiliense - R. Barão de Itapetininga, 99 - Centro  
Neon - Pça. Benedito Calixto, 18 - Pinheiros  
La Selva - Aeroporto de Congonhas e de Cumbica  
Banca do Viaduto Jacaré, em frente à Câmara Municipal

### Rio de Janeiro - RJ

Livraria Leonardo Da Vinci - Av. Rio Branco, 185 - subsolo

### Belo Horizonte - MG

Livraria PAX - Av. Afonso Pena, 719  
Livraria Eldorado - Av. Augusto de Lima, 233 - loja 33

### Curitiba - PR

Livraria Dario Vellozo - Pça Garibaldi, 7 - Centro  
Banca Sergipano - Galeria Júlio Moreira - Centro

### Florianópolis - SC

Banca da Praça XV

### Porto Alegre - RS

Livraria Papyrus - R. dos Andradas, 1.001  
Livraria Palmarina - R. General Vitorino, 140 - 1º andar, s. 14 A  
Livrarias Mercado Aberto - R. Riachuelo, 1.291

### São Luís - MA

Bancas da Pça Deodoro e da Pça João Lisboa

### Recife - PE

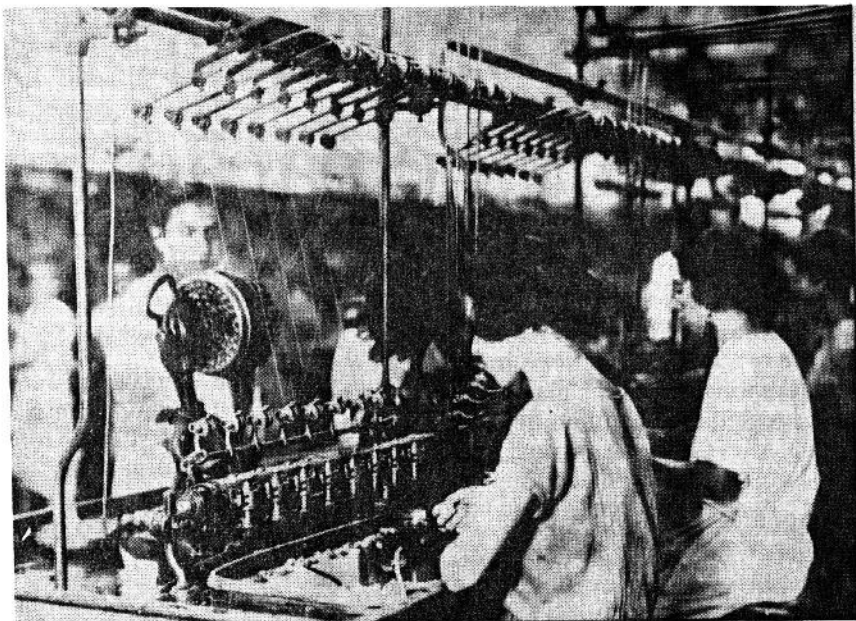
Livraria Livro 7 - R. Sete de Setembro, 329

# Retrato

## As Costureiras

Há mais de um século, Thomas Hood (1798-1845) escreveu às costureiras de Londres, estes versos, que infelizmente, ainda retratam nos dias de hoje a realidade das costureiras brasileiras:

**"Trabalhar, trabalhar, trabalhar,  
Até que a mente mergulhe na vertigem:  
Trabalhar, trabalhar, trabalhar,  
Até que os olhos fiquem pesados e embaçados  
Bainhas, mangas e pregas,  
Pregas, mangas e bainhas,  
Até que caio dormindo sobre os botões  
Para continuar costurando-os nos sonhos".**



"Sou costureira há anos. Só de condução gasto um terço do meu salário. E ainda tenho que pagar para cuidarem dos meus filhos, sustentar a família e garantir o aluguel de quarto e cozinha onde moro". A declaração é de Fátima, operária da Darling de São Paulo.

"Vestimos toda a sociedade, ricos e pobres, e temos que viver na miséria. Nosso fim são as doenças de pulmão, tuberculose e bronquite por causa do ambiente fechado, empoeirado e mal ventilado. Ficamos com varizes e bico de papagaio de tanto ficarmos encurvadas em cima das máquinas e ainda com problemas de visão" - conta Maria de Lourdes, operária da Ellus.

As declarações das duas operárias compõem um quadro da situação de vida das costureiras. No Rio de Janeiro elas constituem a terceira maior categoria do Estado, com 120 mil trabalhadores. Em São Paulo elas são 54 mil numa categoria de 60 mil trabalhadores.

As condições de trabalho são as mesmas para todas. Insalubridade, jornada exaustiva, salários muito baixos e grande repressão nas empresas. Como a categoria é constituída majoritariamente por mulheres a repressão é ainda maior, inclusive com intimidações como revistar as trabalhadoras no final do expediente, de forma vexatória, "apalpando as partes", como denuncia uma operária da Ellus.

Até para ir ao banheiro as operárias são obrigadas a passar pelo constrangimento de pedir a chave ao chefe, que controla os horários. Os patrões e chefes também procuram desmoralizar as trabalhadoras tratando-as com palavras de baixo calão, provocando-as com piadas

de mau gosto.

Fábricas como a De Millus, Poesi e outras anunciam na TV roupas íntimas, vendendo a imagem de mulheres muito diferentes das que produzem estas confecções e ganham um salário irrisório que mal dá para comer, muito menos para comprar lingerie fina.

Na De Millus cada grupo de operárias é obrigado a produzir um lote de sutiãs (120 peças) em cada 38 minutos. No mercado cada sutiã é vendido a cerca de Cz\$ 400,00 em média. O lucro em cima do trabalho das costureiras é simplesmente colossal.

Uma sessão com 48 pessoas tem que produzir um mínimo de mil peças por mês. Cada peça custa em média Cz\$ 600,00. O que se faz em três dias já paga todo o salário mensal de um operário. O resto é lucro para o patrão.

As fábricas parecem uma verdadeira prisão. As cadeiras são de plástico. As trabalhadoras são obrigadas a levar almofadas para as costas doerem menos. Quem quiser água gelada tem que levar de casa. E não existe sequer ventilação para eliminar o pó dos tecidos.

Não é à toa que as costureiras do Rio de Janeiro e São Paulo entraram em greve por melhores salários e condições de trabalho. No Rio, além de realizarem sua primeira greve desde 1964, foram às ruas em manifestações, destacando-se a passeata de mil costureiras pela Av. Brasil, paralisando as confecções por onde passavam. As vitórias conquistadas de piso salarial de Cz\$ 3.000,00 e produtividade de 3% serviram para mostrar que a luta é a única saída para reverter sua situação de exploração.

Resenha

# Uma imprensa a serviço da emancipação feminina

Olivia Rangel

A leitura das mulheres "não deve ir além dos livros de orações, porque seria inútil para uma mulher, nem tampouco deveriam elas escrever como era sabidamente ressaltado, a fim de que não fizessem um mau uso da arte". Esta era a concepção predominante no Brasil até o século passado. A primeira legislação relativa à educação feminina surgiu apenas em 1827, mas a lei admitia meninas apenas para as escolas mais elementares, não para as instituições de ensino mais adiantado. Como afirmou June Hahner em seu livro "A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas, "a tônica permanecia na agulha, não na caneta".

Mas a instrução, mesmo atrasada e débil, renderia seus frutos. Vinte e cinco anos após a legislação sobre educação feminina surgia o primeiro jornal de luta pela emancipação da mulher. O **Jornal das Senhoras**, lançado em 1º de janeiro de 1852 na então capital do Brasil afirma em seu editorial a intenção de trabalhar "para o melhoramento social e para a emancipação moral da Mulher". Sua editora, Joana Paulo Manso de Noronha, uma argentina radicada no Brasil, já defendia a igualdade entre os sexos e alertava que os homens deveriam deixar de considerar as mulheres "como sua propriedade".

A incipiente imprensa feminista enfrentou sérias dificuldades financeiras, além de se bater contra as reações

adversas da sociedade conservadora da época. O **Jornal das Senhoras** mudou várias vezes de editora até ser fechado. Mas o espaço foi preenchido por novos órgãos da imprensa feminista, como o **Bello Sexo**, preocupado com o progresso social e com o desenvolvimento da inteligência e capacidade da mulher.

A participação feminina no movimento abolicionista contribuiu para o surgimento de novos órgãos da imprensa. É o caso do semanário **O Sexo Feminino**, editado por Francisca da Motta Diniz, que se propõe a lutar até morrer pelos direitos da mulher. E declara: "O século XIX, o século das luzes, não se findará sem que os homens se convençam de que mais da metade dos males que os oprimem é devido ao descuido que eles têm tido na educação das mulheres e o falso suposto de pensarem que a mulher não passa de um traste da casa".

Processo semelhante ocorreu durante a luta para que a Constituinte de 1891 tivesse um conteúdo mais democrático. Publicações como **O Echo das Damas** e a revista **A Família** expressavam a revolta das mulheres com a condição de inferioridade imposta a seu sexo. A questão do voto feminino suscitou acalorados debates



Nosso Jornal editado por Cassilda Martins procurou noticiar as lutas e conquistas das mulheres em outros países, particularmente os Estados Unidos, mantendo laços com os movimentos sufragistas internacionais. Defendeu incansavelmente o direito de voto para as mulheres.



Momento Feminino marcou época na história da imprensa feminina. Resistiu bravamente durante dez anos, retratando as lutas, os movimentos e as organizações de mulheres. Uma de suas diretoras, a vereadora Arcelina Mochel, foi secretária-geral da Federação de Mulheres do Brasil.



O movimento sufragista teve repercussão em outros órgãos de imprensa além dos jornais feministas. Em muitos deles, como na revista "Fon Fon" as mulheres eram tratadas de forma caricatesca, como se o direito de voto fosse uma reivindicação absurda.

No dia 7 de setembro de 1873 aparece o primeiro número do semanário **Sexo Feminino**, editado na cidade de Campinas, Minas Gerais. O jornal aposta na igualdade entre homens e mulheres e na emancipação do sexo feminino através da educação

e as mulheres apelaram aos constituintes: "...queremos o direito de intervir nas eleições, de eleger e ser eleitas como os homens, em igualdade de condições". Mas seu nível de organização não foi suficiente e a Constituição ignorou-as como cidadãs, negando-lhes o direito ao voto.

O desenvolvimento da indústria, do comércio, a crescente absorção da mão-de-obra feminina nas fábricas e o fato das mulheres de classe média saírem de casa para trabalhar como professoras, enfermeiras, telefonistas, advogadas e balconistas vão contribuir para alterar esta situação. Decididas a conquistar sua cidadania, as mulheres intensificam a divulgação de suas idéias através dos órgãos de imprensa e passam à ação organizada, realizando manifestações de rua como a passeata das sufragistas liderada por Leolinda Daltro em novembro de 1917. Nesse mesmo ano operárias do Cotonificio Crespi, em São Paulo, dão início a uma greve geral exigindo redução na jornada de trabalho de 14 para 8 horas e salários iguais aos dos homens. Nessa época surge o jornal **Anima Vita** editado por Ernestina Lésima, dedicado a divulgar as reivindicações da mulher trabalhadora.

Em 1922 é criada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderada por Bertha Lutz, com o objetivo de organizar melhor a luta pelo direito de voto para as mulheres. Simultaneamente cresce o número de mulheres que ocupam cargos de destaque, que obtêm formação superior e abraçam profissões antes exclusivamente "masculinas" como odontologia, medicina, advocacia e engenharia. O movimento sufragista ganha força.

Nosso Jornal e outros órgãos procuravam noticiar as lutas e conquistas das mulheres de outros países,

notadamente os Estados Unidos, mantendo laços com os movimentos sufragistas, inclusive a Aliança Internacional pelo Sufrágio da Mulher. A ligação entre o movimento brasileiro e o internacional foi formada na Primeira Conferência Panamericana de Mulheres, realizada em Baltimore (EUA) em abril de 1922.

Após a conquista do voto no código eleitoral de 1932, ratificado pela Constituição de 1934, o movimento feminino sofre sério revés com o Estado Novo, em 1937. A imprensa feminina praticamente desapareceu.

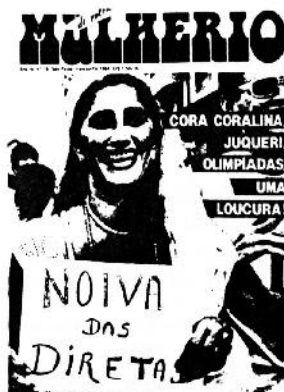
Somente após a Segunda Guerra, em 1945, o movimento democrático ganha novo vigor. Com o fim da ditadura de Vargas vêm os anos do movimento pela anistia aos presos e perseguidos políticos e pela Constituinte. As mulheres tem participação ativa nessas lutas. Nesse momento de grande mobilização surge o jornal **Momento Feminino**, que jogou importante papel na unificação do movimento de mulheres por sua emancipação. Durante dez anos **Momento Feminino** registrou a história das mulheres, suas organizações, suas lutas. Uma de suas principais articuladoras foi a advogada Arcelina Mochel, vereadora eleita na cidade do Rio de Janeiro.

Um jornal de mulheres feito para as mulheres, **Momento Feminino** era vendido em 15 Estados além de municípios importantes como Santos, Santo André e as cidades do Triângulo Mineiro. Órgão unitário de informação, conscientização e mobilização, **Momento Feminino** deu importante contribuição à organização da Federação de Mulheres do Brasil, fundada em 1949. Archelina Mochel foi eleita secretária geral da entidade. **Momento Feminino** sai de circulação em 1956 premido pelas próprias dificuldades do movimento de mulheres a nível nacional.



**Brasil Mulher surge em 1975** e dedica-se desde logo à causa da anistia aos presos e perseguidos políticos da ditadura militar instaurada em 1964. Circulou durante quatro anos e retratou a luta das mulheres da periferia, das estudantes, das trabalhadoras.

*Nós Mulheres* foi um órgão da Associação de Mulheres. Apareceu em 1975, época dos grandes movimentos de massa de resistência à ditadura e pela anistia. Também sobreviveu quatro anos abrindo espaço para as reivindicações populares e democráticas.



**Mulherio** nasceu como um projeto de mulheres da Fundação Carlos Chagas interessadas na problemática feminina. Quando a fundação retirou seu apoio o jornal ficou sete meses sem circular. Voltou em maio de 1984, e agora luta para passar de bimestral e mensal.

As mulheres também conquistaram um espaço institucional com a criação dos Conselhos da Condição Feminina a nível estadual e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Essas entidades contribuíram para a imprensa feminina publicando revistas, boletins e jornais próprios.



A imprensa feminina ressurgiu em 1975 no bojo das grandes manifestações de massa pela anistia aos presos e perseguidos políticos e de resistência contra a ditadura militar instalada em 1964. Numa fase em que a imprensa alternativa floresceu, apareceu também os jornais femininos alternativos. Os dois mais conhecidos, **Brasil Mulher** e **Nós Mulheres** surgiram em São Paulo em 1975 e circularam até 1979. O primeiro era editado pela Sociedade Brasil Mulher e defendia enfaticamente a bandeira da anistia. O segundo era órgão da Associação de Mulheres. Os dois periódicos enfrentaram sérios problemas de sustentação. Mas tiveram a ousadia de abordar temas até então desprezados pela grande imprensa, como as condições de vida na periferia, movimento sindical, creche, direitos trabalhistas da mulher e custo de vida, entre outros. **Brasil Mulher** e **Nós Mulheres** destinavam-se a um público popular e democrático. Procuravam atingir "a mulher trabalhadora, a mãe e a dona de casa da periferia de São Paulo; a estudante, a profissional, a intelectual". Pressionados por dificuldades financeiras e por divergências no movimento de mulheres, os dois jornais acabaram fechando quatro anos depois de sua fundação.

Em março de 1981 um grupo de mulheres da Fundação Carlos Chagas interessadas na problemática feminina cria **Mulherio**. Depois de várias modificações editoriais, o jornal passa a ser subsidiado pela Fundação Ford e hoje procura circular mensalmente sob a direção da jornalista Inês Castilho.

A sobrevivência econômica tem sido o grande drama dos jornais feministas. Fora do esquema da grande imprensa e sem o patrocínio de alguma entidade enfrenta sérias dificuldades para manter circulação e furar o monopólio das grandes empresas de comunicação.

A luta é árdua, acompanhando passo a passo os percalços e conquistas do movimento de mulheres em busca de sua emancipação. Uma imprensa que tem pela frente a tarefa de contribuir para que as mulheres conquistem o lugar que lhes cabe, lado a lado com os homens, numa sociedade justa e igualitária.

**Presença da Mulher**, que ora completa seu primeiro ano de vida, pretende resgatar a tradição da imprensa feminina de luta pela igualdade de direitos e pela total emancipação da mulher. Ao debater em suas páginas a discriminação de que é vítima a mulher em nossa socie-



dade e apontar o fim dessa opressão feminina vinculado à luta por uma sociedade livre da exploração do homem pelo homem, a revista defende a causa da mulher não de uma forma isolada mas inserida nas questões vitais de interesse da nação e do povo brasileiro. Surgida na esteira da grande movimentação popular por uma Constituinte democrática e progressista, nossa revista propõe-se desde seu primeiro número "a refletir as aspirações da nova mulher que surge, destruindo os mitos sobre sua fragilidade ou inferioridade, recusando ser a vítima de fala mansa ou a boneca sem vontade e inteligência".

# MULHER

OPINIÃO FEMININA ORGANISADA

BOLETIM DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO

# Depoimento

## Vida de primeira dama

Bertha Leon

**A mulher do governador Álvaro Dias não aceitou fazer figuração, e foi prá luta. Na presidência do Provopar, questiona o papel da primeira dama e combate o assistencialismo.**

- Eu sou Débora. Por ser jovem, há gente que acha que tenho o dom da burrice, agindo com postura paternalista, como se eu fosse um fantoche. Antes, até me ignoravam. Agora já aprenderam. Eu sou Débora, não a mulher do Álvaro.

Aos 24 anos, uma filha, à espera de outro para outubro, a lindíssima Débora Dias foi a até bem pouco tempo, musa de muitos poetas. Hoje, esposa do governador do Paraná, formada em Direito no ano passado durante a campanha eleitoral, ela demonstra que além de bonita e jovem, está decidida a mudar o perfil da primeira dama, uma função segundo Débora "desgastante" porque não aceitou o papel tradicional.

- Ser primeira dama no passado devia ser moleza. Uma maravilha. Pura ornamentação. Era como um bibelô que dava charme e graça e completava a figura do governador. Duro é além de cumprir com todas as formalidades que a função exige, dirigir projetos, denunciar, buscar soluções a longo prazo para



Foto: Joel Cerizzi  
Débora Dias

problemas antigos, afirma Débora.

Débora Dias começou a mostrar esta sua faceta combativa durante a campanha eleitoral do seu marido, em 1986. Percorrendo quase todos os municípios do Paraná, subindo em palanques e atravessando valetas, rios e favelas com uma habitual calça jeans, ela pedia votos em torno de alguns compromissos que considerava destacados na plataforma de Álvaro: os direitos da mulher e da criança. Com discurso bem elaborado, foi desfazendo aos poucos a visão que se espalhava de que, pela sua juventude, estaria incapacitada para exercer a função de "primeira dama".

- As coisas mudaram, amiga. As mulheres mudaram. As próprias mulheres passaram a questionar a posição da primeira dama, e então eu pude abrir um trabalho novo. Anunciei, de imediato, que não faria assistencialismo, um caminho falso para se chegar ao resultado falso. Agora, tive que fazer uma campanha do agasalho, mas já avisei, foi emergencial e a última, pois daqui para frente, cada entidade assistencial vai ter que buscar os meios permanentes para resolver estes problemas e vamos buscar soluções globais.

### Profissão antiga

Ser primeira dama é uma profissão tão antiga quanto o poder. Desde que a

direção da sociedade passou a ser ofício masculino - com raras exceções - passou a se exigir a presença de uma mulher que ficasse à sua sombra. "Atrás de um grande homem, sempre há uma grande mulher", confirma o dito popular. "A de trás", a primeira dama, tem historicamente desempenhado o papel de fazer a imagem da mulher doce, suave, preocupada com os pobres e desabrigados, enfim, a mãe de todos. Ou seja, a segunda na ordem de importância.

- A sociedade passa por transformações, e aos poucos vamos conquistando o direito de termos idéias próprias. Eu me considero uma mulher espiritualmente emancipada, tenho idéias próprias, faço o que quero, e embora ainda dependa economicamente do Álvaro, tenho meus planos para daqui alguns anos. Quero ser professora, dar aulas de Direito.

Débora, inclusive, não esconde sua independência do marido. Não raro diverge de suas opiniões pelos meios de comunicação, cobra-lhe posições e deixa claro nas entrevistas: estas são as opiniões de Débora.

- Eu tenho tido é muita sorte. É que meu marido é coerente, e nossas idéias batem, mas eu me sinto livre para opinar, o que exercito sempre, já que Álvaro discute sempre os problemas comigo.

Agora, na coordenação do Provopar (LBA - Pronave), está preocupada em ganhar tempo para implementar dois projetos prioritários, a preparação dos deficientes para o mercado de trabalho na área da computação e a formação de estoques permanentes de materiais de inverno, roupas, aquecedores, etc. Entre uma recepção e outra - "destas não dá prá fugir porque é do protocolo" - Débora rabisca seu próximo desafio: logo após sua licença de gravidez, volta para implementar um plano governamental pelo cumprimento da legislação sobre creche nas empresas.

- As mulheres são altamente discriminadas por causa da maternidade. É preciso colocar esta situação às claras, e entender que a melhor forma de resolver o problema social é a mulher na produção e a criança na escola, completa Débora.

Sabendo que sua postura "incomoda", Débora finaliza dizendo: "olha, devagarinho eles vão se acostumando. E eu acho que o Paraná é um Estado bastante desenvolvido para suportar uma primeira dama nada tradicional".

# Memória

## Kathe Kollwitz

Edi Amazonas



são as figuras heróicas das mulheres. Mães proletárias cheias de ternura, desespero ou determinação, lutando contra a fome, contra a morte, contra a guerra. Assim é a arte de Kathe Kollwitz.

Ela foi sempre verdadeira consigo mesma e fiel ao seu tempo. Dedicou-se fundamentalmente à gravura, seguido pela escultura como atividade secundária. Não se sentia atraída pela cor. Sua opção pela gravura como meio de expressão foi, não somente questão de gosto, mas, principalmente, a convicção de que essa técnica seria a mais democrática forma de

arte, aquela que poderia mais diretamente chegar ao povo. Mesmo os seus desenhos foram sempre estudos e ensaios para uma posterior gravura.

Kathe Kollwitz nunca fez concessões, nunca comprometeu seus ideais com expedientes visando sucessos monetários. Era tão severa nesse sentido que, para evitar possível valorização artificial do seu trabalho, não numerava suas gravuras.

**E**m 1919, foi eleita para a Academia de Arte de Berlim e obteve o título de Professor. Na época, essa Academia era a mais importante organização de arte da Alemanha. O título de professor assegurava um grande prestígio no país inteiro, assim como uma série de vantagens. Além do mais, foi a primeira vez na Alemanha que uma mulher chegava à Academia.

Nenhuma dessas honrarias transformou seu caráter íntegro, nem o direcionamento que deu à sua vida - a denúncia da opressão e a defesa dos explorados. O povo sempre esteve presente na sua obra.

Com a subida de Hitler ao poder, em 1933, Kathe foi expulsa da Academia, ficou praticamente impedida de trabalhar nas suas gravuras. Foram anos angustiosos de perseguições mesquinhas que ela enfrentou com dignidade e altivez.

Em 1945, aos 78 anos, deixou de existir essa extraordinária mulher. Uma verdadeira artista, um ser humano no inteiro sentido da palavra. Sua vida ficou como exemplo e sua arte como forma de luta para as gerações futuras.

**N**este mês de julho comemora-se os cento e vinte anos de nascimento de Kathe Kollwitz. É possível que muita gente desconheça esse nome. Entretanto, inúmeras pessoas já viram e apreciaram as reproduções de seus desenhos e gravuras publicados nos jornais e revistas do mundo inteiro. Ali onde existe uma imprensa voltada para o povo, há sempre uma reprodução de Kathe Kollwitz. E foi isso justamente o que ela sonhou. Que seu trabalho chegasse a todos e fosse uma denúncia, uma forma de luta dos oprimidos contra os opressores.

Nasceu numa cidade da Prússia a 8 de julho de 1867, numa família de intelectuais. Seu avô e seu pai distinguiram-se, na época, pela defesa de ideais filosóficos e sociais. Karl Liebknecht, deputado socialista no Reichstag, era amigo de sua família. Muito cedo, aos treze anos, começa a desenhar sob a orientação de um professor que a inicia na gravura. Aos dezoito, segue para Berlim com o irmão e matricula-se numa escola de arte, o que marca definitivamente o começo de sua carreira artística.

Poucos artistas conseguiram integrar a sua vida e a sua arte de maneira tão completa como Kathe Kollwitz. Foi uma mulher de vida simples e dignificada pela fidelidade aos princípios que abraçou desde jovem - a defesa dos mais fracos, dos deserdados. Talvez, nenhum artista soube como ela interpretar de maneira tão simples e direta e, ao mesmo tempo tão dramática, o sofrimento e as lutas do povo.

Através do seu irmão mais velho, Konrad Schmidt, teve contato com a literatura revolucionária do fim do século - Zola, Ibsen, Bebel. E dessa época são as belas ilustrações para o *Germinal* de Zola. Aos vinte e quatro anos, casa-se com um médico - o dr. Kollwitz que realizava uma espécie de medicina social nos bairros operários de Berlim, sem preocupação com dinheiro ou ascensão social.

Esse contato direto com a miséria, a dor e a morte, marcaram profundamente o seu trabalho. Pelas suas gravuras e desenhos desfilar figuras estigmatizadas pelo sofrimento e pela pobreza. Homens e mulheres que sofrem e lutam. Particularmente impressionante



## Assassinado defensor da Reforma Agrária

No dia 11 de junho foi brutalmente assassinado por um pistoleiro o advogado dos posseiros e trabalhadores rurais do Pará, Paulo Fonteles. Paulo foi deputado estadual pelo PMDB e era suplente de deputado federal constituinte pela legenda do PC do B, que assumiu publicamente no início deste ano. Paulo era muito querido pelos trabalhadores rurais e posseiros. Teve atuação no sul do Pará, região de grandes conflitos pela terra, onde se desenvolveu a guerrilha do Araguaia. Cerca de 7 mil pessoas compareceram ao seu enterro, que foi uma verdadeira manifestação de protesto contra a impunidade dos latifundiários e da famigerada União Democrática Ruralista. Significativamente, este bárbaro assassinato foi cometido às vésperas da votação na constituinte da questão da reforma agrária. Presença da Mulher une-se a todos que partilham esta grande perda e expressa carinho e solidariedade especialmente com Raquel, viúva de Paulo, que ficou com um filho de três meses, bem como à sua mãe, de 79 anos, Cordolina Fonteles de Lima.

A revista Presença da Mulher ouviu o depoimento da mãe de Paulo Fonteles, Cordolina Fonteles de Lima, de 79 anos: "Para nós o Paulo era um rei sem coroa, sem cetro e sem dinheiro. Ele representava uma parcela de liberdade neste país. Ele representava aquilo que todos nós desejávamos fazer e não temos coragem. Paulo nunca fraquejava em sua luta pela liberdade e pela justiça social, mesmo quando foi violentamente torturado nos porões da ditadura. Eu cheguei a vê-lo arrastando-se numa cela imunda, cheia de baratas. Mas ele sempre lutou pela liberdade. Sua morte será vingada com a luta do povo. Tive essa certeza quando na hora do enterro vi milhares de mãos erguidas,



A mãe e a viúva de Paulo

significando que a luta de meu filho não havia acabado ali. Mas que continuaria reforçada pela semente que ele deixou.

Tenho certeza de que o povo brasileiro não tem água, tem sim sangue nas veias. Por isso, ele vai reagir. Vai colocar o latifúndio na cadeia e chegará o dia em que poderemos dizer aos camponeses: Raiou a liberdade. A reforma agrária, que era o sonho de Paulo, é realidade".

Raquel Fonteles, companheira de Paulo, também enviou algumas palavras à Presença da Mulher:

"Gostaria de agradecer as manifestações de solidariedade que eu junto com a família de Paulo estamos recebendo. Sinto-me como mulher e companheira de Paulo com a responsabilidade de dizer-lhes que sua morte não deve ser tida como fator de desânimo e sim de estímulo para o avanço da luta pela Reforma Agrária, liberdade e independência nacional.

Paulo dedicou sua vida à luta de nosso povo, filiando-se ao partido da classe operária e do campesinato, porque sabia que esse partido, o PC do B, será com certeza o dirigente do povo na tomada do poder. Mas, entendia também Paulo que só conseguiríamos isso através da unidade. Neste momento em que as forças da reação procuram dar um golpe na Constituinte e no povo brasileiro, eu, em meu nome e do PC do B, o partido de Paulo Fonteles, venho conchamar o povo brasileiro para nos unirmos.

Fazendo isso, tenho certeza de mais uma vez estar sendo a fiel companheira de Paulo. Pois ele sempre foi um defensor intransigente da união e luta do povo brasileiro, porque entendia ser este

o único caminho para um Brasil livre e próspero.

Indignada com o cerco imposto por D. Alberto Ramos, Arcebispo de Belém, Oneide Nazaré Fonteles de Lima Almeida, irmã de Paulo divulgou uma Carta Aberta ao Grupo do Amor da Igreja da Trindade. Publicamos alguns trechos de sua carta:

"Há 21 anos atrás, comecei a militar em movimentos da Igreja Católica. Ainda estudante de Direito, fiz o primeiro, e depois já casada, coordenei como reitora o 13º Cursílio de Cristianidade de Belém. Com a doença de Ully, por não poder me afastar três dias de casa, nos filiamos ao movimento de casais da Igreja da Trindade. Faz cinco meses que sofri a perda de meu marido e companheiro. Ully morreu vítima de um infarto fulminante do miocárdio.

Ainda não havia me recuperado deste golpe, quando as mãos e as balas do latifúndio assassinaram covardemente e barbaramente, na última quinta-feira, meu querido e amado irmão Paulo. E eu que pensei poder contar com a solidariedade e amizade de minhas irmãs em Cristo, tive sim, por uma ordem, por uma imposição do chefe da Igreja Católica de Belém (que sempre foi ligado aos latifundiários, casando-lhes suas filhas em cerimônias caríssimas), não foram me levar seu apoio, carinho e consolo, por ser Paulo um comunista....

Não tive o apoio de vocês, tive sim o de uma multidão, de milhares de paraenses justos, que nada tinham com o PC do B, mas que gritavam comigo nas ruas de Belém, palavras que eram como de agradecimento e amor pelo que o Paulo tinha feito em vida, palavras de revolta pelo modo como tinha sido tão covarde e barbaramente assassinado.

O sangue de Paulo germinou. Embora continue acreditando firmemente na existência de Deus, não sendo materialista, não creio mais na Igreja de vocês. Creio mais no exemplo de Paulo que teve uma vida ímpar, reta, exemplar, digna, sem qualquer vício, do que na religião que vocês pregam. Pobre deste grupo que diz ser do amor...

E diante de tamanhas e tão grandes contradições da Igreja Católica neste momento, me dou por inteira a esta causa que meu irmão tão fervorosamente se entregou. Sou comunista, e se Deus quizer os meus filhos também o serão".

## Economia

# Pacote de arrocho e carestia

Lilian Martins

No dia 12 de junho o governo anunciou um novo plano econômico. Mais um cruzado contra o poder aquisitivo dos trabalhadores. O pacote acaba com o disparo do gatilho a cada vez que a inflação ultrapassar os 20%, a pretexto de que os preços estão congelados. Mas o próprio anúncio do plano foi acompanhado por um aumento de 13,1% nos combustíveis: a gasolina subiu para Cz\$ 25,80 o litro, registrando um aumento de 13,15%, o álcool aumentou 12,75%. O litro do óleo diesel passou de Cz\$ 9,25 para Cz\$ 10,40, com um reajuste de 12,43%. O botijão de gás de cozinha teve aumento de 13,04%, passando de Cz\$ 115,00 para Cz\$ 130,00.

E não foi só. As tarifas de energia elétrica subiram 45%, a de telefone 33,8%. O subsídio do trigo foi eliminado. O pão subiu 35,7% e o leite 26,7%. Enquanto isso os salários recebem apenas o gatilho de maio (20%) pago até 10 de julho. E em seguida são congelados por 90 dias...

Foi presente de grego. E tão descarado que as tabelas da Sunab divulgadas para a população controlar os preços trazia valores ainda mais elevados e absurdos do que os encontrados nos mercados, lojas e feiras livres. Em resumo, a verdade nua e crua é que os salários seguramente ficarão congelados nestes 90 dias. Patrões e governo têm interesse nisso e é muito mais fácil controlar os salários. Mas a situação está tão preta que a própria Fiesp foi obrigada a pedir um abono para os trabalhadores de até três salários mínimos. E qual a causa de tão insólito pedido? Sem dinheiro ninguém compra. E com esses salários sobra de tudo no mercado, inclusive comida.

O Cruzado III acaba com o gatilho, que recompunha uma parte das perdas salariais dos trabalhadores. É uma reedição do decreto 2.045.

A exemplo dos dois planos anteriores, o decreto do governo mantém uma política de arrocho salarial, penalizando os trabalhadores.



O Cruzado I já reajustava os salários pela média dos últimos seis meses, ou seja, de setembro de 1985 a fevereiro de 1986. Com isso os trabalhadores tiveram uma perda, pois seus salários não voltaram ao valor do mês do último reajuste. Quem teve data-base ou reajuste em setembro saiu mais prejudicado, pois pela política salarial anterior deveria ter reajuste de 105,49% mas só recebeu 52,80%. Apesar disso, como os preços ficaram congelados por algum tempo, a população preferiu pagar para ver. Havia as tabelas e controle dos preços. Apesar da perda salarial a queda da inflação parecia compensar.

Mas aí veio o Cruzado II, que congelou os preços e trouxe a inflação de volta à cena. Os salários tiveram uma queda violenta, pois o gatilho só disparava quando a inflação chegava a 20%, rebaixando a média salarial do Plano Cruzado I. Dados do Dieese indicam que entre março de 1986 e abril deste ano o salário médio caiu 21%!

Com o Cruzado III o salário foi mesmo a nocaute. O plano não considera a média dos períodos anteriores e sim o poder aquisitivo do mês de junho. Considera o gatilho deflagrado pela inflação de maio como "compensação" da inflação passada. Ou seja, as perdas anteriores são esquecidas, com exceção do resíduo que fica no gatilho deflagrado pela inflação de maio.

Depois de disparado o último gatilho, esse resíduo de inflação será reposto em seis meses, após o congelamento. Ou

seja, a incorporação aos salários da inflação ocorrida até maio de 1987 poderá ocorrer até março do ano que vem! A inflação de junho, por sua vez, que irá incorporar os grandes aumentos ocorridos até o dia 15 não será incorporada aos salários. É como se esses 15 dias de inflação fossem apagados.

Os aumentos da gasolina, leite, pão, transportes, e as remarcações de preços feitas pelos empresários não foram considerados. Até o fim do congelamento, que poderá durar até 90 dias, os salários passarão a ser corrigidos pela média de inflação do trimestre anterior. Consequentemente, sempre que a inflação do trimestre corrente for superior à inflação do trimestre anterior o salário real estará caindo e acumulando novas perdas.

O Plano Cruzado atende algumas exigências do FMI, como redução e controle de salários, fim dos subsídios, desvalorização da moeda e redução do déficit público, mesmo que isso cause recessão. E para que atender às exigências do Fundo Monetário Internacional? A resposta é uma só - mostrar que o governo está bonzinho, pretende pagar a dívida para ter direito a novos empréstimos, ou seja, é a capitulação diante das pressões do capital estrangeiro.

Para a dona de casa o novo plano significa voltar aos tempos em que sobrava mês no fim do dinheiro. Acordar da ilusão do Cruzado I e entrar com gosto na luta contra a carestia, por melhores salários.

## Precursora da poesia erótica

Colombina, uma das precursoras da poesia erótica escrita por mulheres, nasceu no século XIX, publicou seus primeiros versos no início do século XX e se projeta para o século XXI, com temas instigantes ainda para a nossa própria época. COLOMBINA E SUA POESIA ROMÂNTICA E ERÓTICA, com esboço biográfico e seleção de seus mais expressivos poemas, colhidos em seus doze livros e poemas, totalmente esgotados, tudo, preparado pela escritora MARIA THEREZA CARVALHEIRO, sobrinha-neta de Colombina, é como se intitula o livro a ser lançado no dia 15 de agosto, às 19:00 horas, na Scortecci Editora, Rua Teodoro Sampaio, 1.704, loja 13 no bairro de Pinheiros em São Paulo.



## Meninas de um outro tempo

Documentário de curta-metragem que acaba de ser lançado, onde a personagem central é a mulher idosa. É uma tentativa de dar espaço e palavra à velhice, às mulheres que se mantiveram caladas por toda uma vida. "Procurei na velhice a sabedoria e encontrei a vaga lembrança, a rejeição, o isolamento e a discriminação. Vi que em nossa sociedade, a velhice é abatida por toda a sorte de opressão e espólio. Não bastassem as perdas físicas, é também imposta a solidão e, na espera da morte, a sobrevida", declarou M. Inês Vilar, responsável pela produção deste filme. Quem estiver interessada na projeção do filme, entre em contato com ela pelo telefone (011) 67.0096 - SP.



O disco A UNE Canta representa uma forma de ver a produção cultural na universidade, que tem toda uma história de lutas, de sonhos e de muita garra. A prova precisamente que os estudantes continuam, enquanto houver necessidade, a fazer, a criar, a mexer. É um trabalho musical que serve de "ponte", entre o movimento cultural do CPC e o momento hoje. O disco, sob o comando de Carlos Lyra (direção, voz e violão), conta com a participação de Luiz Eça (arranjos e direção musical), Carlos Selier (produção gráfica), o coral da Santa Úrsula, Kate Lyra (produção). O lançamento está acontecendo nos estados e os discos podem ser solicitados para Ríjarda Aristóteles, Rua Paulo Fernandes, 18 101-CEP 20271 - Rio de Janeiro - RJ - Fone: 292.0111, ramal 350 351.



A Rádio Cultura AM está apresentando diariamente às 11:15 hs um módulo (que trata dos mais diversos assuntos que dizem respeito à mulher e suas lutas contra as discriminações, por uma representação mais efetiva da mulher na vida da sociedade. O "Nós Mulheres" tem entrevistado pessoas ligadas às organizações e grupos de mulheres de São Paulo e pode divulgar eventos relativos às atividades promovidas por mulheres.

A produção está a cargo de Neusa Soliz, End. para correspondência: Neusa Soliz - "Nós Mulheres" Rádio Cultura de São Paulo - Rua Cenno Sbrighi, 378 - Água Branca - São Paulo - SP - Fone: 65.7144. A sintonia da Rádio Cultura AM é 1.200 krz.

## Dicionário de Escritoras

Está prevista para 1988 a publicação do "Dicionário de Escritoras Brasileiras", projeto e coordenação de Nelly Novaes Coelho, que será o mais abrangente possível, no registro de mulheres com livros publicados até 31.12.87, nas áreas de Poesia, Ficção e Teatro (neste caso, as dramaturgas deverão ter pelo menos uma peça representada e não obrigatoriamente publicada). As publicações alternativas devem ter no mínimo publicação de opúsculo de uma dezena de páginas. São exigidos dados pessoais, formação escolar e profissional, cronologia das publicações (com a citação bibliográfica de local e editora, se possível), caracterização do(s) gênero(s), registro sintético de críticas, prêmios, distinções, etc. As interessadas em figurar na obra podem entrar em contato com a professora Nelly Novaes Coelho: Rua dos Franceses, 498, ap. 81 - Ed. Ravel - CEP 01329 - São Paulo - SP.

## (Desas) sombra(da)

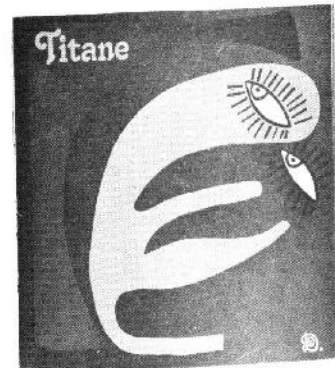
Perdera tudo, tudinho. Restou de seu apenas a coragem que é irmã gêmea da fé e assim, devamente alimentada, assumiu o nada, a vida e a própria identidade. Recusou-se, conscientemente, a dar um passo no espaço e acreditou que sua vontade de permanecer vivendo teria, ainda, alguma serventia. Começou do começo, o que significou uma amplidão em seu esmagado caminho de mais de quarenta estradas. Deu um tempo ao tempo e aguardou os acontecimentos. Viveu um banho, um novo batismo e dele saiu desassombrada. (Ana Vasconcelos)



## Mar de Sargaços

Entre águas sorvendo o sal dos mares triturando algas sargaços hei de tornar-me concha e aguardar-ter em mim. Tu, molusco viscoso, com perfume de mato terrestre, serás um guia na minha viagem. Quero navegar-te manso, veloz mergulhar em fossas abissais, escuros locais onde tua luz penetra encahar depois exangue, morta, numa praia qualquer.

Entre mares concha farei de mim tua morada Esta "canção" faz parte do livro "Mar de Sargaços" da poetisa cearense Regina Lima Verde:



## Disco de Titane

A voz cristalina da cantora mineira, Titane, está cheia de emoção nesse seu disco de canções de compositores populares de Minas. Apenas um verso das muitas belas canções: "Vou cantar prá não morrer e nem prá viver em vão cada espinho que se colhe vai ser flor de outra canção".

ENCONTRO  
NACIONAL DE  
ENTIDADES  
EMANCIPACIONISTAS  
DE MULHERES

PRESENÇA DA  
MULHER



AVANÇOS E DESAFIOS



DA NOVA MULHER.

# A ORIGEM DA OPRESSÃO DA MULHER

Jô Moraes

**D**esenhos dos tempos da barbárie mostram o homem primitivo arrastando a mulher pelos cabelos. Registros da Santa Inquisição, na Idade Média, dão conta do sacrifício das "bruxas" levadas às fogueiras, em praça pública. Na era da informática, sob a bela plasticidade do "padrão global", surge a figura de Tina, no "Fantástico", marcada de cicatrizes pela violência do homem que dizia amá-la.

Há uma infinidade de tempo, na história da humanidade, a metade feminina do gênero humano vem enfrentando uma situação particular. É a situação decorrente do momento em que "o homem passou a governar também na casa, a mulher foi degradada, escravizada, tornou-se a escrava do prazer do homem, e um simples instrumento de reprodução" (Engels). A partir de então, a mulher passou a viver a sua opressão específica, a opressão doméstica, a opressão fruto da divisão sexual das responsabilidades. E, em todos os campos da vida humana suporta uma posição de absoluta inferioridade, de particular discriminação.

Desde quando isso aconteceu? Por que aconteceu?

Esta foi sempre a grande questão que se colocou no caminho da luta pela emancipação da mulher. Saber o que nos levou a esta condição é o fator decisivo para entendermos como fazer-lhe frente.

## A REPRODUÇÃO É NOSSA CADEIA

**S**ob as mais diferentes formas e em momentos diversos, a condição de reprodutoras foi apontada como a causa da situação de inferioridade em que nos encontramos. Foi a reprodução, apontam alguns, que nos afastou dos polos de expansão da economia do comunismo primitivo, o pastoreio e a caça, gerando a nossa dependência. Foi a maternidade que nos levou, ao longo dos tempos, a concentrar nossas tarefas na esfera do lar. É a reprodução, indica Shulamith Firestone, feminista inglesa, a grande cadeia que limita a mulher. E propõe "a libertação das mulheres da tirania de sua biologia reprodutora, através de todos os meios disponíveis".

O fator biológico que nos dá o privilégio da reprodução não pode ser considerado como a origem da nossa opressão. Ao gerar, a mulher não se vê limitada na sua capacidade intelectual, física e mesmo emocional que a impeça de desenvolver diversas funções. Durante o período da gestação ela vive apenas um processo biológico especial que indica atenções particulares. Pode produzir economicamente e pensar socialmente de acordo com sua condição, dentro das necessidades da sociedade.

Se o fator biológico da reprodução determinasse a condição de inferioridade do ser, isto não se limitaria a sociedade humana. Resguardadas as diferenças nas

etapas de desenvolvimento, também encontraríamos a mesma situação sendo enfrentada pelas fêmeas de todas as espécies. Exemplo que contraria essa idéia, no reino animal, é o papel da abelha rainha na vida das colméias.

O que se dá é que, em nome dessa compreensão e se apoiando nela, as sociedades como um todo, desde o momento da divisão sexual das responsabilidades, passou a usar a condição de reprodutora para limitar o papel da mulher na sociedade. Podemos dizer hoje que, se a reprodução não é a origem, ela passou a ser, pela utilização dos setores dominantes, instrumento de opressão da mulher. A "rainha do lar", cantada em prosa e verso, aquela que tem a destinação histórica de ser mãe, é a mesma dos tempos da Idade Média, recatada e recolhida, afastada dos negócios públicos; é a mesma do Brasil "potência", dificultada a entrar no mercado de trabalho, obrigada a fazer ligadura das trompas ou exames de gravidez para admissão em empregos. É a mesma que leva o papa João Paulo II, em recente visita à Polônia, a apelar às operárias de uma fábrica para que atentem à sua "missão maior de mães e educadoras dos filhos". A "rainha do lar" não pode participar da vida pública e produtiva das sociedades porque o "filho é da mãe", educar é a sua missão.

## O HOMEM É, POR NATUREZA, UM SER OPRESSOR?

**N**os movimentos de mulheres sempre surge a idéia de que a nossa luta é contra os homens. O preconceito com que a maioria da população feminina vê o termo "feminismo" vem daí: "Sou feminina, não feminista", são palavras que escutamos em muitas reuniões, fruto dessa compreensão. E há razões para isso.

Betty Friedan, teórica do feminismo americano, em entrevista com Simone de Beauvoir, no ano de 1975, apontava esse problema: "Algumas mulheres no movimento crêem sinceramente que essa luta é contra os homens; que o parto, a maternidade e o sexo são os inimigos e eu estou em desacordo com elas".

Se isso foi há 12 anos, hoje continua ainda a mesma idéia.

Em recente debate promovido pelo Instituto Goethe de Belo Horizonte, uma feminista alemã, falando das conquistas das mulheres em seu país, destacava o fato de existirem bares frequentados só por mulheres e de onde os homens poderiam ser expulsos.

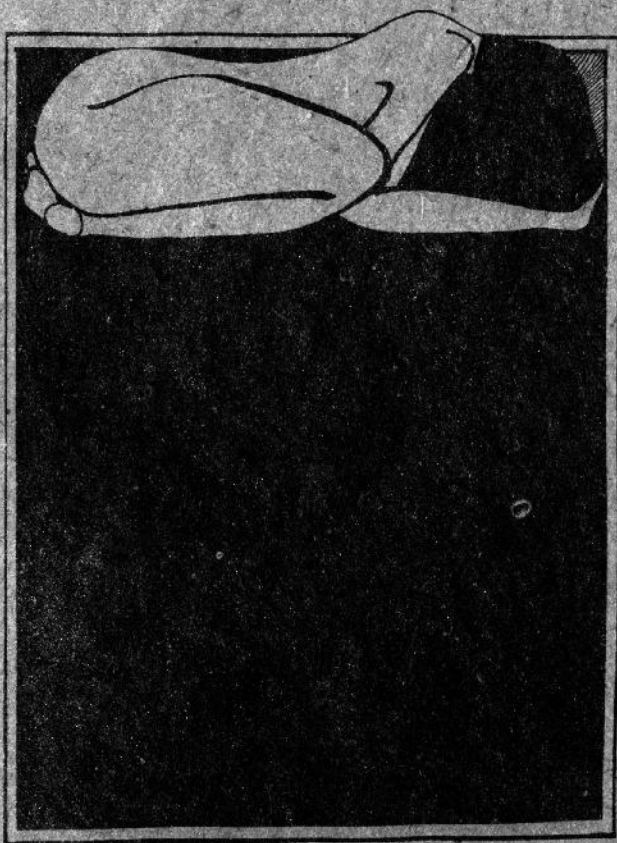
No Brasil, ainda muitas companheiras consideram que os movimentos feministas devem tratar exclusivamente dos problemas específicos da mulher. Há as que, ao discutir a situação da mulher, se ocupam apenas dos aspectos da relação homem-mulher e buscam as soluções no âmbito dessas relações.

Por que se procura reduzir a "questão da mulher" a uma simples briga entre os sexos? Todos os homens são, por natureza, seres opressores?

A visão errada da causa dos problemas que a mulher enfrenta não surgiu por acaso, nem é fruto da incompreensão de algumas. Essa visão tem origem na experiência de vida das mulheres das classes dominantes, das esposas dos patrões. Elas não são exploradas enquanto trabalhadoras, vivem apenas a opressão doméstica que, na sua situação econômica e social é infinitamente mais suave do que a das mulheres do povo. Integrando-se na luta da mulher, através dessa concepção, prestam um grande serviço à sua classe. Desviam a luta da mulher do seu verdadeiro caminho: o caminho da luta de todo o povo contra a exploração do trabalho pelo capital.

Opor-se à violência do companheiro que chega bêbado em casa e a espanca é uma medida necessária de preservação da dignidade da mulher. Mas ela não resolve, por si só, o problema que é a conquista de relações afetivas equilibradas. É preciso ir à origem da embriaguez e da violência.

Não adianta buscar a explicação na "natureza maligna" do homem. Existem causas sociais mais profundas. Não é o que surge na cabeça do homem, por sua vontade, que determina os usos e costumes de uma sociedade. O fato de o homem oprimir a mulher não surgiu porque, um dia, um macaquinho resolveu dar uma sova na sua macaquina e gostou. A opressão da mulher pelo homem aparece num determinado momento da história da humanidade. É preciso conhecê-lo e compreendê-lo.



## A MULHER, A PRIMEIRA ENTRE OS ESCRAVOS

No período inicial da história da humanidade, os homens viviam em tribos e a família era constituída por grupos. Aí, a mulher desfrutava uma situação de relativa igualdade, desenvolvendo uma função de interesse da coletividade.

"No primitivo regime comunista, que compreendia numerosos casais com seus filhos, a direção dos trabalhos domésticos, dada às mulheres era também uma indústria pública, de fornecimento de viveres para os homens" (Engels).

Mas a concepção de família evolui ao mesmo tempo em que se modificam as relações entre os homens na sua luta pela sobrevivência. Em decorrência se altera, também, o papel da mulher.

Num determinado momento da vida dessas tribos, de aperfeiçoamento e ampliação dos meios de existência, novas descobertas são feitas. A introdução da criação de gado, do trabalho com metais e da agricultura provocou uma situação nova. Ampliou-se a produção. Surge a necessidade de mais braços para trabalhar. Os prisioneiros de guerra transformam-se em escravos.

Nesse período, com a divisão do trabalho, o homem era responsável pela procura de alimentos e dos instrumentos de trabalho. Em consequência, tornava-se proprietário do que encontrasse e, mais tarde, do novo meio de trabalho, o escravo.

"A medida, portando, que as riquezas aumentavam, estas davam ao homem... uma situação mais importante na família do que a da mulher" (Engels). E surge para ele a necessidade de que essas riquezas fossem passadas, em herança, para seus filhos e não para qualquer outro, já que o casamento era por grupos. Frutos dessa necessidade do homem, impõe-se o casamento monogâmico.

A família patriarcal assume suas características individuais. Nesse momento, "a direção dos afazeres caseiros perdeu seu caráter público. A mulher deixa de ter função social e começa o serviço privado; ela transforma-se então na primeira serva, encarregada de participar assim da produção social" (Engels). Vê reduzidas as suas responsabilidades à esfera doméstica. Passa a ter como função: a reprodução biológica, a educação e os cuidados dos filhos e a manutenção da força de trabalho, através do fornecimento de alimentação e vestuário.

Ao ser integrada, fundamentalmente na atividade privada, dentro do casamento, desaparece o valor do seu trabalho. Perdendo esse papel social mais amplo ela vive, dentro da família, uma relação de dominância, onde o homem, dentro e fora da casa, determina tudo. A mulher se torna, pois, a primeira escrava entre os escravos.

Os momentos iniciais de opressão da mulher são vividos ao tempo em que surge, na sociedade, a primeira divisão entre os homens: os que são donos da riqueza gerada e aqueles que, como escravos, trabalham para eles. Por isso, enfrentar essa opressão com o objetivo de eliminá-la é combater também a que se

abate sobre os escravos de todos os tempos, inclusive na sua forma atual de assalariados.

Muita coisa aconteceu desde os tempos da pré-história. Novas descobertas, a cada era da humanidade, fizeram com que os instrumentos para assegurar a sobrevivência de homens e mulheres se aperfeiçoassem. Hoje, produzir não é mais enfrentar feras. Nessa evolução as relações entre os homens se modificaram. A família também mudou. Mas os traços de opressão doméstica sobre a mulher se mantiveram ao longo dos tempos.

Com a grande indústria, a mulher passou a integrar a produção social. Mas carregando todo o peso da opressão. Ela pode trabalhar fora mas continua com as tarefas do lar. Pode trabalhar fora, ocasionalmente, enquanto não é mãe. Pode trabalhar fora, mas ganha menos e com isso rebaixa os salários dos homens.

Por causa dessas barreiras, a mulher vive uma situa-

ção de grandes limitações na integração na produção social, e em sua participação na vida pública das sociedades. A sua emancipação, isto é, a superação de todas as limitações que a impedem de exercer a cidadania plena, passa pela extinção da exploração do trabalho, pela existência de serviços públicos que a libertem das tarefas domésticas e pelo surgimento de uma sociedade superior onde a opressão seja, sob todas as formas, abolida.

"A humanidade civilizada, sob a pressão da produção mecânica, caminha para uma sociedade baseada na propriedade comum, na qual a mulher libertada das grilhetas econômicas, jurídicas e morais que a limitam, poderá desenvolver livremente suas faculdades físicas e intelectuais, como no tempo do comunismo selvagem" (Lafargue).

Bibliografia: Engels - A origem da família, da propriedade privada e do estado  
Lafargue, Paul - A questão da mulher, edição de Oeuvre Nouvelle, Paris.

# ORGANIZAÇÃO: AVANÇOS E DESAFIOS

Ana Maria Rocha

O peso secular da opressão social, política, econômica, familiar e cultural que recai sobre a mulher constitui um obstáculo à sua participação e organização. Nem por isso, ao longo da história, a mulher tem deixado de lutar para romper as cadeias da dominação.

No Brasil, as mulheres têm recorrido a diferentes formas de organização para responder a exigências postas em cada momento histórico. Na luta abolicionista, tiveram ativa participação, integrando a Sociedade da Libertação e a Sociedade Redentora. No final do século XIX, mais precisamente na Constituinte Republicana de 1890, surgiram as primeiras manifestações pelo direito à instrução e ao voto feminino. A expressão organizativa máxima dessa luta foi a Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino, fundada em 9 de agosto de 1922, tendo à frente Bertha Lutz.

Uma das primeiras vitórias da Federação foi a entrada de meninas no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Mas a conquista do voto só ocorreria dez anos depois, em 1932. O início do século XX também foi marcado pelas grandes lutas grevistas dos trabalhadores. As operárias, embora em pequeno número, participavam desse movimento exigindo redução da jornada de trabalho e a proibição do trabalho noturno.

Nesse período, destaca-se ainda a participação política das mulheres, que integram a União Feminina ligada à Aliança Nacional Libertadora, organização de frente, dirigida pelo Partido Comunista do Brasil, que tem como principal objetivo barrar o avanço do fascismo. Seu lema: Pão, terra e liberdade! Mas a ALN e a União Feminina têm vida curta, sendo colocadas na ilegalidade em 1935. Suas lideranças são presas, dentre

elas, Olga Benário Prestes. A vigência do Estado Novo esfacela o movimento de mulheres e democrático em geral, que ressurge com força na década de 40. São formados os comitês femininos pela anistia, mais tarde transformados nos comitês pró-democracia, que incluíam em seus estatutos as lutas pelos direitos da mulher, em defesa da infância e pelas liberdades democráticas.

A partir de 1946, as uniões e associações femininas proliferam lançando as bases para a fundação da Federação de Mulheres do Brasil em 1949. Além de organizar as mulheres em todo o país na defesa de seus direitos políticos, econômicos, sociais e jurídicos, a Federação marcou presença nas grandes lutas enfrentadas pelo povo brasileiro como contra a carestia e em defesa do consumidor, pela interdição da bomba atômica na campanha de apelo de Estocolmo, na campanha contra o envio de soldados brasileiros para a guerra da Coreia, na campanha do petróleo é nosso, em defesa das liberdades e da Constituição e coordenou a participação das brasileiras na Conferência Latino-americana de Mulheres no Chile. No entanto, logo após a posse de Juscelino Kubitschek em 1956, a Federação e todas as organizações a ela filiadas foram fechadas e proibidas de funcionar em todo o país. Mas as mulheres não desanimaram e criaram a Liga Feminina do Estado da Guanabara que lutava dentre outras coisas pela reforma do Código Civil, pela instalação de creches, pela estabilidade no emprego para a mulher gestante e contra a carestia.

Nesse período, dois eventos contribuíram para a participação organizada das trabalhadoras: A Conferência Nacional de trabalhadoras, de 18 a 20 de

maio de 1956, é o Encontro Nacional da Mulher Trabalhadora em 1963. Ambos reivindicavam creches, extensão dos direitos trabalhistas às trabalhadoras do campo, participação das trabalhadoras nas direções dos sindicatos, eliminação de todas as discriminações.

A partir de 1962, as forças de direita investem na criação de organizações de mulheres da classe média e alta em apoio ao golpe militar de 1964. As mais atuantes foram a CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia), o MAF (Movimento de Arregimentação Feminina), a UCF (União Cívica Feminina) e a Liga da Mulher Democrática de Minas Gerais. Essas organizações apoiadas por generais e pela ala conservadora da Igreja realizaram uma verdadeira cruzada contra o "comunismo e em defesa da família". A expressão máxima de sua atuação foi a realização da "Marcha da família com Deus pela liberdade" às vésperas do golpe militar. Malfadado golpe militar, que trouxe isso sim a destruição de lares, a prisão, tortura e morte de brasileiros, autênticos defensores da liberdade.

A repressão feroz que se abateu sobre o país se refletiu nas organizações de mulheres. A Liga Feminina do Estado da Guanabara e a Federação foram definitivamente fechadas. As mulheres passaram, junto com os democratas, à luta de resistência ao regime militar. Muitas morreram na guerrilha do Araguaia, nos embates de rua, ou nos cárceres da ditadura, outras foram exiladas.

Em 1968, outras mãos surgem no cenário político brasileiro, não lutando por uma "família" abstrata, mas em defesa de seus filhos, vítimas da repressão. Passam a denunciar o clima de terror militar e partici-

pam no Rio de Janeiro da "Marcha pela liberdade, contra a ditadura". Criam a União Brasileira de Mães, que tem como principal objetivo lutar ao lado dos filhos pelas reformas de ensino e denunciar as arbitrariedades de que era vítima o povo brasileiro.

O ano de 1975 assinala o crescimento da resistência democrática com grandes manifestações de massas, como a realizada por motivo da morte no cárcere do jornalista Vladimir Herzog. Em meio a essa efervescência política o movimento de mulheres ressurge com força também nos marcos do Ano Internacional da Mulher, decretado pela ONU. Em sintonia com o momento político, as mulheres criam o Movimento Feminino pela Anistia. Surgem grupos e jornais feministas dando impulso ao debate sobre a questão da mulher. Denúncias vieram à tona, encontros e congressos foram realizados, como os das metalúrgicas em São Paulo.

As eleições de 82, a perspectiva de candidaturas femininas, atraem com força as mulheres para o debate político. Cresce a disputa pela influência no movimento de mulheres. Os partidos políticos incluem em seus programas as reivindicações femininas. São criados os departamentos femininos nos partidos políticos.

Torna-se massiva a presença feminina nos comícios e comitês pró-diretas. Em 17 de abril de 1984, as mulheres fazem uma grande manifestação em Brasília pelas eleições diretas, usada como pretexto para o governo decretar o estado de emergência.

Essa grande mobilização política deixa para trás os grupos sexistas que resistem a incorporar as lutas gerais em curso. Por outro lado, fracassa o projeto de Federação de Mulheres que absolutizava a questão geral, negando na prática a opressão específica da mulher. Se por um lado, essa polêmica entre a luta específica e a luta geral levou a um certo desgaste, afastando lideranças populares, que participaram de congressos atribulados, por outro, contribuiu para o amadurecimento sobre o tipo de organização e caminho a trilhar para a total emancipação da mulher.

Ficou claro que a tentativa de criar uma única organização das mulheres, as Federações, quando existiam diferenças marcantes de concepções, quando não se tinha encontrado as bandeiras unificadoras, era inviável transformando aqueles encontros em palco de conflitos e manipulações. Som sombra de dúvida é legítima a busca de uma ação unitária que possa envolver diversas organizações femininas em torno de objetivos comuns, desde que se respeite a autonomia dos diversos movimentos.

Mas as diferentes concepções fruto das diferenças de classe que informam a ação e a organização dos grupos femininos, determinam os objetivos e as formas de trabalho de cada um. As mulheres não são uma classe. As operárias têm interesses fundamentais inteiramente diversos dos das mulheres das classes dominantes. Estas não sofrem a dupla opressão, embora pese sobre elas a discriminação por sua condição feminina. O caminho a trilhar para a completa emancipação da mulher demarca o tipo de organização feminina que defende os interesses das mulheres exploradas daquelas organizações que abordam a questão da mulher



apenas pela ótica da luta entre os sexos.

A força da mulher na sociedade brasileira já não pode ser ignorada. Ela emerge impetuosa ocupando um espaço cada vez maior no mercado de trabalho, nas greves, nas mobilizações populares, nas lutas por suas reivindicações específicas, no debate político das questões cruciais que a nação enfrenta. Foi um dos setores mais mobilizados por uma Constituinte progressista e democrática que incluisse seus direitos.

Ganha destaque no cenário nacional o movimento das trabalhadoras rurais, desde as pequenas proprietárias do sul do país, passando pelas sem terra, até a sua parcela mais avançada, as assalariadas agrícolas. Muitos são os encontros e congressos que têm realizado, exigindo reforma agrária, fim da violência do latifúndio, e suas reivindicações específicas, como direito à sindicalização, à previdência e aposentadoria. No último 8 de março, mais de 25 mil pequenas produtoras do Rio Grande do Sul se concentram em Porto Alegre para exigir seus direitos. A mulher operária, por sua vez, vem aumentando sua presença nos sindicatos, até mesmo em postos de direção, integrando cada vez mais as greves de suas categorias. Ganhou destaque a presença combativa das costureiras nas greves do Rio de Janeiro e São Paulo por melhores salários e condições de trabalho. O 1º Congresso Nacional da Mulher Trabalhadora realizado em janeiro de 1986 em São Paulo significou um marco na luta das trabalhadoras, propiciando o surgimento de departamentos femininos em vários sindicatos. Mas as operárias precisam superar os obstáculos e avançar ainda mais na sua organização e mobilização.

O avanço do processo político, exigiu do movimento de mulheres uma nova postura. Aquelas correntes sexistas restritas apenas à contradição homem x mulher se enfraqueceram, voltando-se mais para o estudo, diminuindo sua participação e influência no movimento feminino massivo, especializando-se cada vez mais na questão da saúde da mulher. Muitas de suas representantes limitam sua atuação nos Conselhos da Condição Feminina. Estes, por sua vez, têm sua atividade restringida. Na medida em que o governo federal se inclina para a direita, acompanhado dos governos estaduais, a tendência é a imobilização dos Conselhos no que se refere aos objetivos pelos quais surgiram e o alijamento das sexistas e outras representantes do movimento de mulheres para colocar em seu lugar representantes de direita.

Esse quadro, de avanço da participação da mulher, de crescimento da consciência de sua dupla opressão e de um momento político que prenuncia grandes lutas, impõe ainda mais a necessidade de organizações de mulheres capazes de fazer avançar esse processo, com maior iniciativa a nível de mobilização de massa e articulação em torno de questões candentes. É mais do que nunca necessário estimular e fortalecer as organizações femininas de caráter de massas. Já está superada a fase dos pequenos grupos. O momento exige organizações autônomas que tenham como objetivo aglutinar mais e mais mulheres, elevando seu nível de consciência e de integração no processo político em curso. As Uniões, Movimento Popular e Centros

Popular da Mulher que proliferam de norte a sul do Brasil, totalizando cerca de 46 entidades são organizações que procuram responder a essas novas exigências e por isso mesmo tendem a se fortalecer. Há ativistas que diluem o problema específico da mulher reduzindo, na prática, suas lutas e bandeiras às questões gerais. Não dão importância à sua organização autônoma, considerando que esta se faz dentro das organizações de massa já existentes. Não há dúvida de que as mulheres já participam e continuarão participando dos sindicatos, associações de moradores e demais entidades classistas e democráticas. Mas estes não são foruns que se voltam para a abordagem do problema global da discriminação que pesa sobre a mulher. É importante a atuação no departamento feminino de um sindicato, mas ele age no sentido de incorporar as trabalhadoras nas lutas da categoria e fazer com que esta assuma o combate à discriminação da mulher nas relações do trabalho. As demais associações, como as de moradores, existem em função de problemas conjuntos vividos por homens e mulheres. Limitar a organização das mulheres a esse nível é negar a especificidade da condição feminina, a existência real da dominação masculina. Portanto, as organizações específicas de mulheres não se incompatibilizam com demais entidades. Elas colocam como centro de sua preocupação o combate à toda discriminação que impeça ou limite a participação da mulher no processo social. Têm em conta os problemas mais sentidos pelas massas femininas, procuram mobilizá-las em torno de seus interesses imediatos, mas desenvolvem em seu meio a consciência da verdadeira causa da dupla opressão, levando-as a se integrar nas lutas gerais em curso na sociedade.

Essa corrente emancipacionista representa a esperança de um amplo e progressista movimento de mulheres. Mas para que isso se torne realidade é preciso:

**1 - Tornar-se referencial para as amplas massas de mulheres,** tomando a iniciativa de mobilizações e lutas em torno de questões que preocupam as mulheres e garantam o avanço da democracia em nosso país.

**2 - Avançar na sua estruturação** rompendo com o espontaneísmo e dando vida regular às suas diretorias, com funcionamento organizado, reconhecimento legal e sede conhecida. Sem essa base mínima fica difícil incorporar as mulheres na vida da entidade. Consolidar as entidades existentes nas capitais, mas avançar para o surgimento de entidades nas cidades do interior, caminhando para uma articulação estadual dessas entidades. Só assim estaremos criando uma base sólida para a articulação da corrente emancipacionista a nível nacional. Hoje, no Brasil, não existe nenhuma entidade nacional de mulheres.

Torna-se urgente uma articulação nacional das entidades de caráter emancipacionista, no sentido de unificar suas lutas e mobilizar as mulheres para intervirem no cenário político brasileiro.

**3 - Difundir a visão emancipacionista,** promovendo cursos e debates sobre a verdadeira causa da opressão da mulher na sociedade e sobre o caminho a seguir para a total emancipação feminina.

# RUMOS E PERSPECTIVAS DE LUTA

## Télia Negrão

A participação da mulher brasileira na vida econômica, política e social do nosso país tem sido um importante fator para remoção dos entraves à sua emancipação. Conquistas em todos os campos têm sido registradas, entre as quais o reconhecimento governamental da condição de opressão da mulher, com a instalação dos Conselhos, das Delegacias especializadas, dos serviços de atendimento jurídico e agora das Casas de Abrigo.

Entretanto, a vinculação estreita da situação da mulher com as mazelas da sociedade em que vivemos,

impedem que os avanços sejam decisivos.

O agravamento das condições de vida do povo, como consequência das políticas governamentais que se sucedem, faz com que piore também a situação da mulher, em particular naquilo que lhe é específico. Com a recessão, o desemprego lhe ameaça em primeiro lugar. A crise social faz crescer a violência doméstica e os fatores de desagregação familiar, a prostituição e a marginalidade.

No mercado de trabalho a situação da mulher é de inferioridade em relação ao homem. Ganha menos pelas mesmas tarefas, e o acesso a cargos de chefia é dificultado. Há a desqualificação decorrente da falta de oportunidade de estudos. Há a discriminação da mulher na sociedade, decorrente do fato de ter que realizar a dupla jornada - a do trabalho produtivo e a das tarefas familiares - o que limita as oportunidades de aperfeiçoamento. E há ainda as barreiras postas ao exercício da maternidade. Muitas firmas pedem testes de gravidez para admitir empregadas. Outras não admitem casadas com receio de que possam engravidar. Há outras que chegam ao cúmulo de pedir atestado de ligadura de trompas.

A creche é uma luta permanente, com lentas respostas por parte do poder público e dos empresários. Apenas 15% das crianças brasileiras estão na pré-escola, englobando-se aquelas matriculadas em escolas particulares.

Nas instâncias de decisão continua ínfima a parcela de participação feminina.

Ao final do processo eleitoral, as mulheres eram apenas 26 entre os 559 constituintes eleitos. Nas Assembleias Legislativas poucas são as deputadas estaduais. Em 1985 fizemos apenas uma prefeita de capital e em 86 nenhuma governadora. Não há ministra no governo Sarney e são poucas as Secretárias de Estado.

Ainda hoje a mulher é valorizada pela sua beleza e não pela sua capacidade de trabalho. Aos homens reconhece-se o valor, nas mulheres aprecia-se a beleza.

A escalada da violência contra a mulher tem revelado o quanto estão ligadas as condições de vida com o processo de deterioração das relações humanas. À medida em que se agravam as condições de sobrevivência, persiste o atraso cultural. A noção de que a mulher é propriedade masculina reflete-se nas relações conjugais e afetivas. Mortes violentas, atentados sexuais, lotam as Delegacias da Mulher e os distritos policiais em todo o país. A impunidade e a legislação machista legitimam estes crimes. No campo das relações familiares, não só a violência permanece como um fato cotidiano. Também se mantêm as desigualdades entre os



cônjuges que esperamos ver superadas na nova Constituição.

A maternidade e a sexualidade feminina são ainda hoje objeto da manipulação dos programas governamentais e de entidades controlistas. O governo vacila e nega-se a implementar o Plano de Assistência Integral à Saúde da Mulher, pois acioná-lo significa garantir às mulheres informações e os meios que as mulheres necessitam para garantir sua saúde. Ao mesmo tempo, procura impor um controle da natalidade tão ao gosto dos interesses dos monopólios estrangeiros.

O aborto continua sendo tratado como um tabu, um assunto proibido nas famílias. A sociedade insiste em criminalizá-lo, mascarando a realidade brasileira em que cerca de 4 milhões de abortos são realizados por ano em todas as classes sociais, com cerca de 400 mil mortes subsequentes, especialmente entre as mulheres pobres.

No quadro das dificuldades, a mulher tem estado a todo momento alerta e pronta a desafiá-lo. Começa a espalhar-se a idéia de que a sua opressão está indissoluvelmente ligada à base econômica da sociedade, e que sua emancipação só se dará no processo de transformação do regime econômico, social, político e cultural da nação.

Cresce o nível de sua organização. A mulher ha tempos deixou de permanecer na constatação de suas dificuldades. Sua luta, propostas e reivindicações ganhou um novo patamar.

Para novos avanços é preciso constataremos os desafios que ainda temos de enfrentar:

**1 - A conquista da igualdade jurídica** - vivemos uma situação de dessintonia entre os espaços que a mulher já conquistou e o seu reconhecimento legal por parte da sociedade. Durante esses últimos anos e até décadas, tivemos de conviver com leis absurdas que davam ao homem a supremacia dentro do lar e privilégios fora dele. Toda a luta travada mais recentemente pelas mulheres em torno da igualdade jurídica alcançou o seu momento mais importante no atual processo constituinte.

Os debates constituintes realizados em todo o país indicaram a necessidade de se conquistar a igualdade na sociedade conjugal, uma legislação trabalhista que assegure emprego, aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional, e eliminação do tratamento diferenciado às domésticas e trabalhadoras rurais, creches, assistência à saúde, entre outras.

É necessário assegurar ainda que não haja um retrocesso na legislação no que se refere ao aborto.

Mas a luta pela igualdade jurídica não termina com a promulgação da nova Constituição. Em seguida virá o processo de elaboração das leis ordinárias que incluem o código civil, o código penal e a CLT. Aí se dará uma nova batalha para assegurar os nossos direitos.

**2 - Reconhecimento da função social da maternidade** - A sociedade trata a nossa tarefa de reproduzir a espécie como se fosse um crime. Gerar filhos hoje é contribuir para a continuidade da nação. Esta é uma função que diz respeito aos interesses da coletividade. Por isso exigimos que assim seja tratado e para

isso é preciso maior apoio à maternidade que se traduz em:

**A - Assistência integral à saúde da mulher** - garantir a saúde da mulher significa colocar à sua disposição, em todas as fases de sua vida, os meios que lhe permitam evitar as doenças e decidir sobre sua reprodução e sexualidade. Exige-se do governo que cumpra seu papel mantendo uma vasta rede de postos de saúde, com pessoal e material qualificado, com a aplicação imediata do PAISM.

É exigência das mulheres brasileiras o banimento do país de todas as entidades controlistas e o fim de seus programas que visam impor o controle da natalidade sem quaisquer assistência à mulher.

**B - Creches nos locais de trabalho e moradia** - as creches são uma condição prévia para que a mulher possa efetivamente e definitivamente integrar o mercado de trabalho. A sociedade e o governo precisam entender a creche como extensão do direito à educação e como um direito de todos os trabalhadores, em especial da trabalhadora.

**C - Igualdade de salários e oportunidades de emprego** - às trabalhadoras deve-se assegurar condições para desempenharem, com igualdade, as funções profissionais. Salários iguais para as mesmas tarefas, estabilidade no emprego, oportunidade de ascensão profissional. Fim das formas de opressão impostas às mulheres no local de trabalho são avanços necessários à sociedade brasileira.

**3 - O Combate à violência contra a mulher** - O crescimento da violência sexual e doméstica está a exigir que se atue em duas frentes: Primeira, a que se refere à instalação de equipamentos oficiais de prevenção e punição, como as delegacias, as casas de abrigo, a assistência jurídica, psicológica e social gratuita, bem como a uma campanha de pressão para a justa criminalização das violências sexuais e punição de todos os agressores. A segunda diz respeito a uma atuação em outro nível. É preciso que se denuncie a violência contra a mulher como uma revelação do sentimento de propriedade que os homens têm em relação às mulheres. Concepção esta nascida no processo de formação das classes sociais e mantida pela sociedade capitalista.

**4 - Integração na luta geral pela democracia, pela soberania e direitos do povo** - As mulheres brasileiras já aprenderam que a luta por suas reivindicações não pode ser levada separadamente da luta geral que se desenvolve no país. As questões da dívida externa, da reforma agrária, atingem diretamente sua vida familiar. O crescimento do desemprego provocado pela recessão que o FMI impôs, a falta de terra e de condições para os pequenos produtores que asseguram o abastecimento de alimentos são sentidos todo dia, em cada lar. Ao mesmo tempo, quanto mais a democracia fica limitada, mas a mulher perde espaço também.

Por tudo isso, a mulher brasileira, na sua condição de cidadã marginalizada e oprimida ocupa seu lugar nessas lutas. E busca espaços cada vez maiores nas entidades populares, associações de moradores, sindicatos, comitês de reforma agrária, no caminho de sua luta emancipacionista.

# Violência



Maria Lúcia, antes e...



depois da operação

## A Mulher marcada

**Tais Normande e Dione Canuto**

Em novembro de 1984, a opinião pública de Alagoas, de certa forma acostumada às notícias sobre violências contra mulheres, ficou chocada com o episódio de Maria Lúcia, a mulher que foi tratada, por seu marido, como se trata o gado.

O lavrador José Salustiano bebia demais, costumava espancar Maria Lúcia e vivia proclamando que "Mulher minha é na rédea curta".

Num dia de novembro, Salustiano cismou (sabe-se lá porquê), que Maria Lúcia estava "dando bola" para alguém e resolveu planejar sua vingança de maneira fria, calculada e terrivelmente cruel. Com vergalhões de ferro, forjou quatro letras: MGSM e marcou-a no rosto com os ferros em brasa gritando: "Mulher galheira só morta".

O episódio aconteceu no município de Messias, a 35 Km de Maceió. Maria Lúcia deu queixa à polícia, que prendeu seu marido. Mas Salustiano não permaneceu nem um mês preso. Foi libertado porque as autoridades policiais de Alagoas, tão machistas como ele, não viram crime nenhum na sua atitude.

A população ficou aterrada com o fato, que ganhou destaque na imprensa nacional. Maria Lúcia abandonou o marido, fugindo de casa com os quatro filhos: uma menina de 9 anos e três

meninos de 8, 3 e 2 anos, deixando-os com a mãe.

Os movimentos femininos de Alagoas, principalmente a União de Mulheres de Maceió (UMMA), se mobilizaram, exigindo punição para o criminoso e procurando formas de apoiar e ajudar Maria Lúcia. A UMMA conseguiu que um cirurgião plástico, Dr. Arnaldo Leão Costa, fizesse as cirurgias gratuitamente. Foram feitas três cirurgias plásticas e ainda falta uma para restaurar a estética do rosto mutilado de Maria Lúcia.

Agora ela vive no município pernambucano de Santa Cruz do Capibaribe, perto da divisa com Alagoas, na casa dos pais. Não teve mais notícia do marido, mas até hoje tem medo de que ele faça alguma coisa em represália pelo fato de ela o ter denunciado à polícia. Maria Lúcia fala que tem por Salustiano o mesmo ódio que sentiu no dia em que foi marcada com ferro em brasa. Porém, por medo, nunca requereu separação oficial nem pensão alimentícia para as crianças. "Ele pode me encontrar e fazer outra maldade comigo e com os meninos", diz.

Ainda hoje Maria Lúcia lembra: "Se não fosse o apoio material e moral da UMMA, eu acho que tinha feito uma besteira com minha vida". Depois das três cirurgias ela acha que é menos penoso andar pelas ruas, sem ser alvo de curiosidade geral. "Melhorou o rosto, melhorou o espírito", diz. A família insiste em que faça a última operação, mas ela não quer sentir mais dores, e vai adiando enquanto pode. Lamentar mesmo, só lamenta a impunidade do marido.

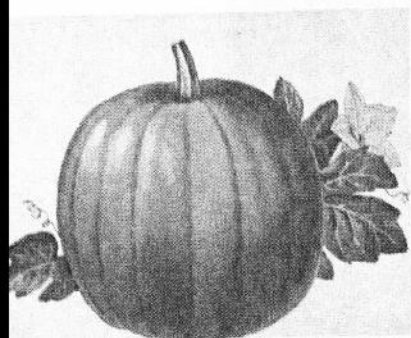
Mas este episódio, embora terrível, não é isolado na longa crônica de violência contra a mulher em Alagoas. A impunidade é a regra geral. Há poucos anos, Maceió viveu meses de terror com a "Gang sádica", um grupo de "filhinhos de papai" que atacava, estuprava e espancava moças na orla marítima. Apesar de alguns deles terem sido identificados, nenhum jamais foi sequer detido ou chamado a depor, por serem filhos de famílias ricas e influentes. Um dos rapazes era sobrinho do Secretário de Segurança e foi mandado pelo tio para fora do estado a fim de escapar da prisão.

No final de maio, outro crime hediondo abalou a opinião pública de Alagoas. O conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, ex-Secretário do Planejamento e da Indústria e Comércio, ex-presidente da COHAB, Luiz Eustáquio Toledo, matou friamente sua mulher, Zeneida Bezerra, no apartamento do casal. Eles viviam separados há cinco meses por um motivo escabroso: é que Luiz Eustáquio costumava forçar as duas filhas do casal (de 8 e 10 anos) a se submeterem às suas sevícias. Depois de matar a ex-esposa, ainda teve o requinte de sair calmamente, entregar as chaves a um advogado amigo (com a recomendação de que lhe desse tempo para a fuga). Vai responder o processo em liberdade.

Se a impunidade tem sido o tratamento das autoridades, o movimento de mulheres de Maceió tem reagido a essa escalada de crimes com manifestações de rua e protestos, numa clara compreensão de que "O silêncio é cúmplice da violência".

**Tais Normande é presidente e Dione Canuto é secretária-geral da União de Mulheres de Maceió.**

## Pão de Abóbora



**Ingredientes:** 1 xícara e meia de açúcar; 1 xícara de leite morno; 3 tabletes de fermento de pão; 1 pitada de sal; 125 grs. de manteiga; 1 colher de raspa de limão; 2 ovos inteiros; 500 grs. de abóbora (pesar crua) cozida e amassada; mais ou menos sete xícaras de farinha de trigo até dar ponto de massa de pão).

**Modo de fazer:** Misture o açúcar, leite e fermento. Acrescente o sal, manteiga, raspa de limão, depois os ovos batidos. Coloque a abóbora amassada, misture tudo e vá pondo a farinha até dar o

ponto da massa (ela deve ficar um pouco mole). Deixe a massa descansar até dobrar o volume.

Abra a massa e coloque algum recheio (doce de abóbora, ou doce de coco, etc.). Enrole como rocambole. Deixe descansar novamente por uns 30 minutos. Asse em forno quente. Depois de assado passe por cima uma calda grossa de água e açúcar.

**LEMBRETE:** Quando você abrir a abóbora para fazer o doce e o pão, não se esqueça que **SEMENTE DE ABÓBORA** é um ótimo vermífugo. Retire as sementes, coloque todas numa assadeira e deixe secar ao sol, com um pouco de sal. Depois é só dar para a criançada mastigar. São gostosas e boas para a saúde.

## Saúde para os cabelos

Henna (*Lawsonia inermis*, Linné) é um pó das folhas de uma planta do norte da África e da Índia que contém uma substância corante, por isso, usada para tingir os cabelos desde os tempos mais remotos, principalmente no Egito e na Índia. Além de tingir ela fortalece e dá brilho aos cabelos.

Sem atacar os cabelos, e sem alterar sua naturalidade, a Henna resolve o problema daqueles cabelos brancos que apesar de serem um agradável testemunho de maturidade, dão uma aparência de mais idade e abatimento. Com a aplicação da Henna eles ficam com um tom acastanhado e se disfarçam no meio dos outros.

**MODO DE PREPARAR:** Você mesma pode aplicar em casa, sem risco e a baixo custo. Dissolva o pó em um copo de água fervente, misturando muito bem até ficar uma massa homogênea. Aplicar a pasta iniciando pela raiz e com auxílio de um pente espalhar ao longo dos cabelos. Deixe agir por uma ou duas horas. Depois basta lavar com bastante água corrente com seu shampoo habitual.

Para cabelos secos pode-se adicionar uma colher de óleo vegetal. Em cabelos fracos e sem brilho adicione uma colher de mel ou yogurt. Para manter a cor basta uma aplicação mensal (a coloração vai se acentuando a cada aplicação).

A Henna não é recomendável para cabelos totalmente brancos pois os mesmos adquirem uma cor intensamente avermelhada.

## Auto massagem facial

Carmen Perez

Antes de iniciar a massagem é necessário que a pele esteja limpa. Depois de hidratar a pele, começa a massagem. Na auto-massagem é muito importante

a pressão inicial leve, para sentir a pele, e o deslizamento no sentido indicado em cada figura. Como complemento, pode-se aplicar uma máscara. De acordo com

cada tipo de pele, esta máscara pode conter polpa de frutas, mel, limão, aveia etc.



Mantendo o polegar apoiado sob o queixo, contornar os olhos com o dedo médio, em círculos, exercendo pressão bem leve.



Com os dedos anular, médio e indicador pressionar, deslizando no sentido indicado.



Com os dedos unidos, fazer leve pressão, deslizando no sentido indicado.



Apenas com a mão direita, dar leves tapas sob o queixo.



# Mulheres da Nicarágua

**No dia 19 de julho completa 8 anos da revolução da Nicarágua. A estudante de direito Thâmar de Castro Dias Guimarães esteve nesse país e fez uma entrevista exclusiva para nossa revista com a Secretária Geral da AMNLAE, Glenda Monterrey.**

Ao visitarmos a Nicarágua ficamos nos questionando como é que aquele povo consegue resistir à ofensiva do imperialismo, onde busca tanta energia e disposição para construir o país. A resistência do povo nicaraguense ao imperialismo e o seu amor à liberdade salta aos olhos. Ali, onde a população é majoritariamente jovem, se valoriza o imenso potencial revolucionário das mulheres e da juventude. Elas estão presentes em todos os setores do país, em ministérios, na universidade, no exército etc... Para falar sobre a participação feminina nas lutas do povo nicaraguense é que entrevistamos a Secretária Geral da AMNLAE, Glenda Monterrey. Seu relato é um testemunho vivo da combatividade da mulher nicaraguense que serve de exemplo para todas as mulheres do mundo, especialmente da América Latina.

*A história da luta do povo nicaraguense sempre foi caracterizada pela defesa da soberania nacional. Como se deu a participação da mulheres nessas lutas?*

**Glenda** - A discriminação das mulheres na Nicarágua data de séculos, como nos diversos países do mundo. Desde a época colonial a participação da mulher foi intensa. Na época da colônia as mulheres diziam que preferiam morrer a darem filhos aos colonizadores. Portanto, através dos séculos, algumas vezes de forma individual, outras de forma coletiva, as mulheres se fizeram presentes nos embates de nosso povo. Foi assim na luta contra os conquistadores espanhóis, contra a invasão norte-americana, na guerra pela independência, nas pelesas do General Augusto César Sandino. As mulheres que trabalharam com Sandino participaram desde apoio logístico até a luta armada. Então se pode dizer que as mulheres nicaraguenses estiveram sempre ativas em todas as batalhas em defesa de nossa soberania, em defesa de nosso direito de sermos uma nação livre e soberana.

*Nós gostaríamos que você falasse um pouco sobre a participação da mulher*

*nicaragüense na luta revolucionária e na Frente Sandinista de Libertação.*

**Glenda** - As mulheres participaram da Frente Sandinista, no início, de forma desigual, é claro; porém, logo foram logrando maior grau de conhecimentos. E as primeiras mulheres que nela tomaram parte abriram caminho a outras companheiras tanto a nível de movimento estudantil como popular nos bairros, em todas as diversas modalidades da luta. Nas escolas, nas fábricas, elas conquistaram o direito de combater com arma na mão, nas montanhas, na guerrilha, na cidade, pelejando sempre com melhor qualidade e numericamente crescendo a sua participação. A cada dia aumentava o número dessas mulheres que batalhavam em igualdade de condições com os companheiros homens, a ponto de termos companheiras que foram comandantes guerrilheiras como as Comandantes Dora Maria Teles, e Mônica Baltodano. Nossas mulheres fizeram desde armar trincheiras até combater com armas, nas ruas, bairros,

fábricas, universidades e, sobretudo, na frente guerrilheira onde, por sua atuação, ganharam a admiração e o respeito do nosso povo. Hoje, muitas ocupam importantes cargos de direção.

*Durante a ditadura foi fundada a Associação de Mulheres Ante a Problemática Nacional (AMPRONAC) que conseguiu, pelo que temos conhecimento, reunir mulheres de amplos setores da sociedade nicaragüense. Quais eram os objetivos dessa entidade?*

**Glenda** - Antes já haviam sido feitas tentativas de criar organizações femininas. A vanguarda revolucionária tinha preocupação em instituir entidades de massa, que, no decorrer da luta, se fortalecessem. Em 1977 julgou-se necessário encorajar a fundação de uma organização feminina que lutasse, inicialmente, por direitos muito específicos das mulheres e conseguiu aglutinar mulheres de diferentes ideologias. Então também as mulheres da burguesia mais progressista, como as companheiras do movimento estudantil, participaram de forma coordenada, muito dinâmica, da AMPRONAC, com o objetivo central de lutar contra a ditadura somosista. Sabíamos que precisávamos lutar por igualdades de condições, porém, tínhamos primeiro de tomar o poder, pois era impossível, nos marcos da ditadura, obter essas conquistas. Nos integramos então à luta popular para derrubar a ditadura. Participávamos tanto das denúncias e protestos contra o desaparecimento de milhares de camponeses como também da luta pela não comercialização da mulher, pela liberdade de culto religioso, liberdades políticas etc... Mas nosso objetivo principal era o fim da ditadura. Portanto, derrubar a ditadura para obter, no futuro, as conquistas que durante anos, séculos, no sistema capitalista foram negadas ou suprimidas.

*Como se deu a participação das mulheres nicaragüenses no período imediatamente após o triunfo e quais as conquistas alcançadas até agora?*

**Glenda** - Depois da vitória da revolução fomos forçadas a desempenhar um sem número de tarefas. A nossa pátria estava destruída. As casas, arrasadas pelos bombardeios. Havia sangue e corpos por todos os lugares e tínhamos que zelar pela saúde do povo. Então, nós, mulheres, nos demos a tarefa primeira de limpar e reconstruir as cidades, porque não se podia reconstruir o país, lutar pelos direitos dos trabalhadores, das mulheres, realizar a campanha de alfabetização, com os graves problemas gerados pela destruição das cidades. Pouco tempo após a vitória companhei-



Thamar, à esquerda, entrevista Glenda Monterrey, à direita.

ros que visitaram a Nicarágua diziam: "Não parece que houve uma guerra aqui". Fizemos um grande mutirão de limpeza evitando com isso os graves riscos de infecção, coisa normal após uma guerra. As massas tomaram parte ativa na importante causa da saúde. Depois veio a tarefa de educação. A participação feminina na campanha da alfabetização foi massiva, porque tínhamos interesse em dar educação primária ao nosso povo, para que crescesse o seu nível ideológico. Essa campanha permitiu a milhares de mulheres aprender a ler e escrever. Hoje, ainda temos problemas na área de educação, principalmente na zona de guerra onde a contra-revolução destrói as escolas, seqüestram nossas mulheres etc. Um dos maiores avanços do ponto de vista jurídico foi a criação da lei de alimentos. Havia uma tradição injusta em nosso país, pela qual os homens não tinham nenhuma obrigação com os filhos nascidos fora do casamento e da lei entre pai, mãe e filhos. Antes, nós tínhamos uma lei, secular, que colocava os filhos como patrimônio dos pais, e a mãe não tinha direito a nada. Então mudamos a lei. Os homens e as mulheres são responsáveis pela proteção e educação dos filhos. Esses são alguns avanços. Porém sabemos que há muito a ser mudado. Não podemos fazer leis em nosso país como decretos. Para que elas (as leis) sejam cumpridas é necessário ampla discussão e conscientização da sociedade sobre a sua necessi-

dade. Estamos agora empenhadas em participar da elaboração da nova constituição. O governo promoveu recentemente reuniões por setores para ouvir as sugestões e reivindicações do nosso povo. No "cabildo" das mulheres a maior discussão foi acerca do aborto. O aborto é considerado crime em nosso país, porém milhares de mulheres praticam o aborto anualmente sem nenhuma assistência médica.

*Como é que se organiza a AMNLAE?*

**Glenda** - A AMNLAE - Associação de Mulheres Nicaragüenses Luiza Amanda Espinoza, está organizada por cidades em núcleos por categoria. A partir de 1981 tivemos mudanças a nível organizativo e de concepção. A nível organizativo estamos ordenando e flexibilizando a estrutura para que não haja interferência em outras estruturas e analisando as tarefas de maior importância que digam respeito às mulheres. Nós desejamos que essa participação vá de acordo com os interesses de cada categoria. Não podemos impor nem orientar tarefas às mulheres trabalhadoras iguais às das jovens estudantes, pois elas têm interesses diferentes. Algumas lutas são comuns; porém cada categoria tem seus interesses peculiares e seus próprios problemas. A nível de concepção a AMNLAE pretende ser um órgão de propaganda e agitação que estimule as mulheres a lutarem por seus direitos e pela sociedade igualitária.

# Solidariedade a Lamia

Lamia Maruf Hassan, 21 anos, brasileira de Manaus foi condenada à prisão perpétua, pelo governo sionista de Israel, a 28 de abril, sob a acusação de ter, ao lado de seu marido e outros companheiros, participado da execução de um soldado israelense, e de pertencer à AL FATAH, grupo político que integra a Organização de Libertação da Palestina. A luta dos palestinos data de 1947. Por uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU), foi criado o Estado de Israel, que deveria ocupar 58% do território da Palestina.

Na realidade ocorreu que Israel ocupou 80% do território e avança sempre sobre as terras palestinas, expulsando seus habitantes. O Estado Sionista caracteriza-se, hoje, por ser um serviço do imperialismo americano, ameaçando e matando todos os que se opõem a ele.

Aos palestinos não restou outra alternativa senão lutar por seu lar. Constituíram a OLP. A esses lutadores Israel reserva as mais duras punições. Essa a explicação de fundo para o caso de Lamia Maruf. Em 1981, ela foi ao Oriente Médio conhecer as terras de seus avós. Conheceu Tawfic Abdallah,



voltando em 1983 para casar-se com ele. Em 1985, depois de breve viagem ao Brasil, onde deu à luz à menina Libn regressou à Cisjordânia, território palestino invadido pelo exército israelense, onde morava.

Seu marido, Tawfic e um companheiro, Mustafá, foram presos e condenados à prisão perpétua. Em seguida

Lamia também é presa.

Acusada de participação na execução do soldado, é torturada e julgada por um tribunal parcial, no qual o juiz interfere como acusador, outro juiz ausente é substituído por um soldado!

O resultado, já esperado pelos advogados de Lamia, Airton Soares e Felicia Langer, é prisão perpétua. Uma condenação previamente decidida, mais um exemplo que o Estado terrorista de Israel pretende dar aos que lutam por sua pátria.

Ainda existe esperança de libertação para Lamia. Depende dos esforços do governo brasileiro para que a cidadã brasileira seja indultada e retorne ao Brasil.

Foi formado em São Paulo um comitê com representação de entidades do movimento popular e democrático, para pressionar o governo a agir de forma mais rápida. Por todo o Brasil são feitas manifestações e comitês de solidariedade a Lamia.

## Agenda

### Trabalhadoras vão discutir CLT

O Conselho Nacional de Direitos da Mulher desenvolverá Encontro Nacional sobre o tema "A mulher e a legislação trabalhista".

O Encontro, tem como objetivos, nesse momento de discussão e elaboração de uma nova Constituição, formular um diagnóstico da atual situação dos direitos da mulher trabalhadora no país e elaborar propostas para uma nova legislação para o trabalho feminino.

O CNDM está elaborando livros com subsídios para o Encontro cujos temas são: 1. Trabalho da Mulher, igualdade ou proteção? 2. Mulher e trabalho, reivindicações na última década; 3. Legislação trabalhista: limitações e conquistas;

4. Legislação e trabalho feminino, estudo comparado.

Serão convidadas a participar do seminário lideranças sindicais das principais categorias profissionais que concentrem mão de obra feminina.

O Encontro será organizado por uma comissão composta pelas Centrais Sindicais - CGT, CUT e UST, Federações e Confederações de Trabalhadores, os Conselhos dos Direitos da Mulher Nacional, Estaduais e Municipais, e por representantes das empregadas domésticas.

O Encontro realizar-se-á dias 9, 10 e 11 de setembro, em Brasília, e será precedido por encontros e seminários estaduais e regionais.

### IX Encontro Nacional Feminista

Terá lugar nos dias 3, 4, 5 e 6 de setembro em Garanhuns, Pernambuco, mais um encon-

tro feminista. Desta vez, além das habituais trocas de experiência e das oficinas livres de vivências, vai haver um espaço para debates de temas como Mulheres e partidos e Constituinte. Nesse sentido, há uma certa abertura para temas mais gerais, representando um rompimento da atitude fechada em relação a questões políticas, marcados outros encontros. O endereço para contatos é Rua do Hospício, 859, 4º andar, CEP: 50.050 - Boa Vista - Recife PE.

### Mulheres de Prefeitos

Dia 20 de agosto Curitiba sedia o 5º Encontro das Mulheres de Prefeitos das Capitais. O tema desta reunião será o ensino regular e os meninos de rua, em continuidade aos debates realizados anteriormente.

Tendo iniciado há cerca de um ano, estes encontros tem versado sobre os mais diversos temas, entre eles a reforma tributária, políticas sociais do governo, menor, e tem obtido algumas conquistas. Foi através deste fórum que houve a unificação do "per capita" da LBA, que antes era de Cr\$90,00 para o nordeste e Cr\$ 40,00 para o sul do país. Foram também as mulheres dos prefeitos das capitais que combateram a tentativa de trabalho paralelo da Secretaria de Assuntos Comunitários da presidência da República no Programa do Leite, exigindo que fosse administrado pelas Prefeituras. Embora não tenha o caráter do fórum feminista, "abordamos todos os temas e estamos na prática provando que não somos dondocas nem primeiras damas, mas mulheres", afirma Maria Stella de Mello e Silva, esposa do prefeito de Curitiba.

## As Mulheres e a Nova Carta

Anna Maria Rattes

"Talvez tenhamos chegado ao momento constituinte de ruptura e criação de uma verdadeira democracia social, e esta é a mais dramática instância de nossa responsabilidade. A realidade emerge da possibilidade, e se deixarmos escapar de nossas mãos o que a sorte nos ofereceu para mudar a sociedade brasileira, a História não nos perdoará".

(Senador José Paulo Bisol - PMDB/RS  
Relator da Comissão de Soberania, dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher)

As mulheres, de fato, têm conquistado seu espaço nesta Constituinte. Primeiro foi a eleição de 26 parlamentares. Depois, o bom entendimento entre a bancada feminina e os movimentos da Mulher possibilitou serem levadas para os debates, a seguir para os relatórios das Subcomissões e, enfim, para os substitutivos das Comissões temáticas, as principais propostas de defesa dos direitos e interesses da mulher brasileira.

Grande parte delas foi acolhida pelos relatores, o que representa avanço significativo, principalmente se nos lembrarmos das polêmicas geradas em torno de questões como o aborto e a legitimidade da união estável, no confronto entre os grupos progressista e conservador na própria Comissão da Soberania, dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher.

Representa avanço o estabelecimento, como direito e liberdade fundamental, da constituição de família pelo casamento ou por união estável, baseada na igualdade entre o homem e a mulher; do crime de discriminação como inafiançável; da igualdade de direitos entre o homem e a mulher referentes à sociedade conjugal, ao pátrio poder, ao registro dos filhos, à titularidade e administração dos bens do casal.

Os filhos, nascidos ou não da relação de casamento, têm iguais direitos e qualificações, sendo proibidas designações discriminatórias relativas à filiação. O relatório da Subcomissão da Família,

do Menor e do Idoso criminaliza qualquer ato que envolva agressão física e psicológica contra a mulher e o menor. E outro dispositivo, já aprovado, assegura a assistência integral, pelo Poder Público, à saúde da mulher, nas diferentes fases de sua vida, e o direito de homens e mulheres livremente determinarem o número de filhos, sendo vedada a adoção de qualquer prática coercitiva pelo Poder Público, ou entidades privadas.

As mulheres também saíram ganhando com a garantia do atendimento, pelo Estado e pela iniciativa privada, das crianças até seis anos de idade, através de creches e pré-escolas, e da manutenção, também pelo Estado, de locais apropriados nos estabelecimentos penais, que possibilitem a amamentação dos filhos das presas provisórias ou condenadas.

Mas, se importantes conquistas foram obtidas, nas primeiras etapas dos trabalhos, ainda existe um machismo preponderante nas posições da maioria dos parlamentares. Portanto, a luta continua, promete ser grande e já é acirrada. Muitas deputadas, que vêm demonstrando firmeza nas posições que assumem com relação a assuntos gerais e não só à questão da mulher, são alvo de pressões diversas, mas prosseguem, mantendo seus posicionamentos.

É essencial que, na Assembleia Nacional Constituinte, as forças progressistas se unam na batalha por pontos comuns, independente dos partidos. Por outro lado, porém, é indispensável a participação popular nas etapas do processo constituinte.

Vivemos, agora, momento fundamental em todo esse processo, quando os substitutivos das Comissões Temáticas seguem para a Comissão de Sistematização para, então, serem levadas as propostas finais ao plenário. Todo cuidado é pouco. Os avanços, certamente, precisam ser preservados desde já e até que tenhamos a nova Constituição promulgada. Mais uma vez será preciso que marquemos presença, reservemos e ocupemos lugar na História. Daí nossa grande responsabilidade. Não podemos deixar "escapar de nossas mãos, o que a sorte nos ofereceu para mudar a sociedade brasileira". Esta é a nossa vez.

Anna Rattes é deputada constituinte do PMDB-RJ, vice-presidente da Comissão de Soberania e Direitos e Garantias do Homem e da Mulher.



# Uma Avaliação Geral

Lídice da Mata

Pronto o primeiro rascunho do que poderá ser a futura Constituição do Brasil. Podemos entrever que, se depender apenas das posições da maioria dos constituintes, teremos uma Constituição conservadora e reacionária, muito longe de atender aos anseios de mudanças que tem animado as lutas das mulheres e homens brasileiros.

Embora, tenham sido assinalados alguns avanços no campo da igualdade jurídica para a mulher, não podemos cantar vitórias. Primeiramente, porque temas importantes como a descriminalização do aborto, o direito à creche, a defesa da imagem social da mulher, a promoção para cargos de chefia e responsabilidade política são veementemente rechaçados pelas forças de direita. Em segundo lugar, porque as conquistas registradas nas comissões temáticas e que são reflexo da mobilização das mulheres por seus direitos, ficam comprometidas pelo conteúdo reacionário aprovado no que se refere às principais questões de interesse da nação brasileira.

Os resultados parciais da Constituinte são "pérolas" de reacionarismo. A atual estrutura agrária, o latifúndio, permanecerá intocável. Continuará havendo toda a liberdade para o capital estrangeiro, extinguindo-se até a débil reserva de mercado para a informática. Encontram-se ameaçadas grandes conquistas do povo brasileiro, como o monopólio estatal do petróleo. Os meios de comunicação ficam inacessíveis ao povo, monopolizados por grandes grupos econômicos, que mantêm os privilégios quanto à concessões de canais de rádio e televisão. A dívida externa permanecerá sendo o mecanismo imoral de espoliação da nação.

Quanto ao poder político, se prevalecerem os dispositivos aprovados nos

relatórios, nesta fase, será mantida a centralização nas mãos do executivo, disfarçado por um parlamentarismo envergonhado e a tutela dos militares ao Estado. A democracia representativa é golpeada com a introdução do voto distrital misto que reforçará os "currais" eleitorais, impedindo, na prática, a eleição de representantes das correntes democráticas e populares, sustentando o controle político dos conservadores.

Esse resultado não surpreende se recordarmos que a maioria dos deputados expressam as correntes de centro e centro direita.

A estratégia usada pelas classes dominantes, nesta etapa, foi permitir vitórias nas questões específicas para as mulheres e para os trabalhadores, visando desmobilizá-los e manter sob controle dos poderosos as grandes questões nacionais.

Entretanto, a batalha por uma Constituição democrática, moderna e progressista ainda não terminou. As mulheres e o povo podem alterar certos resultados, recorrendo a um amplo processo de mobilização, que pressione os deputados e senadores. Entra em campo, decididamente, a coleta de assinaturas das emendas populares. As mulheres devem participar, não só das referentes às questões específicas, mas das emendas fundamentais como a de eleições diretas em 88, de voto proporcional para os cargos eletivos, da suspensão do pagamento da dívida externa e dos respectivos juros, da definição da função das Forças Armadas de defesa da pátria contra a agressão externa e sobre a Reforma Agrária. É bom lembrar que cada eleitor só pode assinar três emendas.

Sabemos que estas questões, mesmo vindo a ser contempladas numa nova Constituição, só terão eficácia a partir



Foto: Milton Mendes Filho

da mobilização permanente do povo. E serão verdadeiramente asseguradas num regime social realmente voltado para os interesses da população.

## Saúde da Mulher, a emenda que unificou

O movimento de mulheres unificou-se em torno da proposta da deputada Lídice da Mata, sobre a questão do aborto, e deflagrou sua campanha pela coleta de assinaturas. Eis na íntegra o texto da emenda:

**Art. 1º - Compete ao poder público:**

**I -** Prestar assistência integral à saúde da mulher nas diferentes fases da sua vida através da rede de saúde pública.

**II -** Garantir a homens e mulheres o direito de determinar livremente o número de filhos, sendo vedada a adoção de prática coercitiva pelo poder público e por entidades privadas.

**III -** Assegurar o acesso à educação, informação e métodos adequados à regulação da fertilidade, respeitadas as opções individuais.

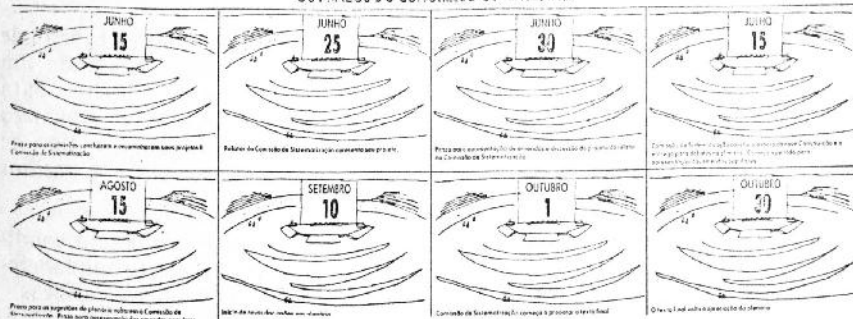
**Art. 2º -** A mulher tem o direito de conceber, evitar a concepção ou interromper a gravidez indesejada até 90 dias de seu início. Compete ao Estado garantir esse direito através da prestação de assistência integral às mulheres nos hospitais da rede pública.

**§ único -** Serão respeitadas as convicções éticas e religiosas individuais.

Maiores informações sobre os formulários e o andamento da campanha de coletas de assinaturas poderão ser obtidas em contatos com a comissão organizadora no Rio de Janeiro, através dos telefones: (021) 292.0111 (gab. da deputada estadual do PC do B, Jandira Feghali ou com o gabinete da deputada estadual do PT, Lúcia Arruda).

Lídice da Mata é deputada constituinte pelo PC do B - BA e integrou a Comissão de Organização Eleitoral, Partidária e Garantia das Instituições.

### OS PRAZOS DO CONGRESSO CONSTITUINTE



## Acompanhamento do caso Lizete

"Presença da Mulher" acompanha de perto cada passo do processo da operária Lizete - vítima de um aborto ocorrido após exame ginecológico com dois médicos a serviço da Philco, empresa em que trabalhava há mais de 10 anos. Tão logo se recuperou da intervenção cirúrgica, Lizete foi demitida definitivamente da empresa.

Aberto o processo sobre o aborto de Lizete na Delegacia da Mulher no dia 2 de junho, foi ouvido o médico - Dr. Luiz Guapo - do Serviço Médico da Empresa, responsável pelo exame e encaminhamento da operária ao médico do Convênio - COMEPA - Dr. Celso Lucas, que resultou no aborto.

Em seu depoimento, ele se contradiz, quando afirma que não encaminhou a operária Lizete ao COMEPA e tão pouco teria entrado em contato telefônico com o médico do COMEPA. Quando a Dra. Rosmary Corrêa insistiu nessa questão, ele recuou e confirmou que realmente entrou em contato com o Dr. Celso Lucas para falar do caso Lizete.

O Dr. Celso Lucas também será ouvido na Delegacia da Mulher. Sindicatos, entidades de mulheres e amigos de Lizete continuarão presentes nas próximas audiências, exigindo punição para os médicos responsáveis por este crime.



Lizete, operária da Philco

Foto: Hamilton F. Santos



## Os direitos da mulher nos muros curitibanos

Os muros de Curitiba começam a ganhar cara nova. Um jeito feminista. É que um grupo de artistas plásticos decidiu atender ao apelo do Conselho Municipal da Condição Feminina e estão cobrindo com tintas coloridas os muros abandonados da capital paranaense. O tema: os direitos da mulher na Constituinte.

O primeiro muro, com mais de 200 metros, foi pintado nos finais de semana, e fica na Avenida Batel, rua de grande acesso. Virou ponto turístico rapidamente, mas também fez despertar o machismo: frequentemente telefona ao Conselho um cidadão irritado, ameaçando destruir as pinturas, chamando-as de "indecentes" ou "atentado à moral". É que há três mulheres nuas, entre umas cem vestidas. Os temas abordados são: saúde, educação, creches, trabalho, etc. O projeto Mural/Mulher continua o ano todo.

## Jornalistas agredidas

O movimento de mulheres e a imprensa do Paraná foram mobilizados recentemente pelas ameaças e agressões sofridas por três jornalistas do rádio e televisão.

Por coincidência, as três profissionais, Thirsá Tirapelle, Maria do Socorro Cruz e Maria do Carmo Batiston estavam no curso de reportagens audaciosas. A primeira, cobria um

momento decisivo do julgamento do Caso Tina, sobre violência, quando a segurança do médico que incendiou Tina avançou sobre Thirsá, quebrando seu equipamento de trabalho e espancando-a. Já as duas Marias, foram ameaçadas pelo cônsul paraguaio Justus Almada, porque denunciaram o contrabando realizado pelo governo daquele país via Porto de Paranaguá. Para Maria do Carmo, Almada perguntou se ela tinha filhos e família, ameaçando-os.

Os movimentos de mulheres solidarizaram-se com as jornalistas, na defesa do livre exercício profissional e pela dignidade da mulher trabalhadora.

## Cresce a luta por Creches

A Associação Liberdade Mulher - ALM - lançou uma campanha por Creches nos locais de moradia. Com esta finalidade, está sendo elaborada uma proposta que será encaminhada ao Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, Saturnino Braga.

As filiadas à Associação Liberdade Mulher - ALM - estão passando um questionário nos seus Núcleos, para fazer um levantamento sobre o número de crianças de 0 a 4 anos, o tipo de Creche que lhes convém e a melhor forma de estruturá-la.

Partindo daí, a entidade terá condições de elaborar um Projeto que concretize os anseios das mulheres cariocas.

## Avança Organização das Mulheres

Julgam alguns, de maneira equivocada, que o Movimento de Mulheres está em descenso. Ele vive, isso sim, uma mudança de qualidade em sua forma de organização. Passando por um importante enraizamento nas vilas e bairros e nas cidades do interior.

Evidência desse processo é o que está ocorrendo no Estado de São Paulo. Em vários bairros e cidades do interior as mulheres estão construindo suas entidades. Em Santo André, importante município operário do ABC Paulista foi fundada a "União e Participação da Mulher Andreense", com a presença de 300 mulheres de doze bairros da cidade.

Em Campinas, onde já existe há 4 anos uma entidade municipal, a mulherada fundou a União Popular de Mulheres do Parque Universitário. Em Itaquaquecetuba, município da Grande São Paulo, as mulheres realizaram uma reunião de organização da entidade local com 400 mulheres.

Em Santos, a fundação da União Popular de Mulheres deu-se em 13 de junho com 100 mulheres presentes.

Na capital, várias comissões para a fundação de entidades estão a pleno vapor: na Freguesia do Ó, Santo Amaro, Itaim Paulista, Embu, as mulheres fazem finanças e decidem estatutos, programa, diretoria, tendo por base a luta contra a discriminação da mulher e pelos direitos do povo.

## Casa da Mulher

Ao som de músicas com temas sobre a situação da mulher, tomou posse no dia 25 de abril a nova diretoria da Casa da Mulher da Leste - SP. No segundo ano de fundação, a entidade, com sede na Cidade Patriarca, pretende continuar a luta pela defesa intransigente dos direitos da mulher segundo afirmou sua presidente Laurinda Leão Ramos.

## Núcleo de Estudos Sobre a Mulher

O oitavo Núcleo de Estudos Sobre a Mulher, de âmbito universitário, foi criado no final de maio na Universidade Federal do Paraná. Uma palestra da professora Fanny Tabak, do Núcleo da PUC-Rio, sobre a participação política da mulher, inaugurou as atividades nas universidades paranaense.

O Núcleo pretende constituir-se num instrumento de fomento à pesquisa universitária sobre a condição da mulher.



Márcia, morta a facadas

aberto a homens e mulheres interessados neste campo de estudo.

Quem vai dirigir o órgão acadêmico é a professora Lilian Wachoviz, que há tempos milita no movimento de mulheres do Paraná.

## Basta de Violência

Ao voltar do curso noturno de contabilidade no colégio Elefante Branco, em Brasília, no dia 11 de junho a estudante Márcia Medeiros, de 17 anos, foi esfaqueada por um desconhecido que tentou estuprá-la. Como Márcia resistisse, sofreu sete facadas no corpo. Gritando e cambaleando ela conseguiu correr cerca de cinquenta metros deixando atrás de si um rastro de sangue. Populares que ocorreram já encontraram a menina morta, tendo ao lado do corpo uma rosa que recebera do namorado. Márcia foi brutalmente assassinada nas proximidades do local onde, em outubro do ano passado a menor G. B. G., filha do ex-deputado Luís Guedes foi estuprada. O crime provocou grande comoção na cidade. O enterro realizado no dia seguinte foi marcado pela dor e revolta dos presentes, que exigem punição do assassino e dos estupradores que andam à solta na capital federal. Mais de 700 pessoas compareceram à missa de sétimo dia da morte de Márcia.

No dia 16 de junho no Botafogo, às 17:00 horas, realizou-se uma passeata

das mulheres cariocas, lembrando o 2º aniversário da morte de Mônica Granuzzo Pereira, cujo assassino continua impune. Na oportunidade as mulheres vestidas de branco, reiteraram seu inconformismo em relação à violência, à impunidade, à corrupção dos órgãos policiais e do judiciário e à demora do julgamento dos criminosos.

Participaram e apoiaram o evento inúmeras associações de mulheres, de familiares de vítimas, a Comissão dos Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, entidades estudantis, além de deputadas e deputados.

O Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Natal, desenvolve durante todo o ano de 87, a Campanha Contra a Violência Sobre a Mulher, cuja programação está prevista em três fases: violência doméstica, violência no trabalho e violência na rua. O evento está sendo levado à população através de folhetos de cordel, decalques, peças de teatro e palestras, após apresentações nos bairros.

A primeira etapa da campanha - Violência Doméstica - está sendo concluída este mês e logo será iniciada a programação que diz respeito à violência no trabalho com periodicidade de 3 meses.

O CMDM espera concluir o cronograma de suas apresentações com a peça "Violência na Rua" que, como as outras duas a serem apresentadas, terá nos mais diversos bairros da cidade, nas fábricas, e sindicatos o palco para reforçar o "basta" da violência contra a mulher.

## Secretárias conquistam sindicato

As secretárias do Rio Grande do Sul já possuem o seu sindicato. Este é o resultado de 10 anos de luta, onde a Associação de Secretárias do Rio Grande do Sul, através de um processo que deu entrada no Ministério do Trabalho em 1985, e havia sido indeferido duas vezes pela Comissão de enquadramento sindical, foi finalmente deferido pela Portaria n.º 3.103 de 29 de abril de 1987. São mais de 11 mil secretárias no estado que agora podem se sindicalizar.

No país são 21 associações regionais e um sindicato (RS), que está enviando a todas as associações um dossiê da sua vitória para que seja divulgada. Dentre as principais lutas do novo sindicato é a de reconhecimento da categoria e pela modificação da imagem distorcida da secretária que é reforçada em nossa sociedade.

## Uma imortal muito humana

Amaryllis Schloenbach

**Eleita por 32 dos 39 votos acadêmicos, a escritora Lygia Fagundes Telles, "Paulista quatrocentos anos", é a terceira mulher a ingressar na ABL - Academia Brasileira de Letras; foi precedida por Raquel de Queiroz e Dinah Silveira de Queiroz.**

Ao ensejo da posse, em maio de 1987, de Lygia Fagundes Telles, na cadeira nº 16, cujo patrono é a bela e controvertida figura de Gregório de Mattos e Guerra, na Academia Brasileira de Letras, em sucessão ao grande jurista, ficcionista e historiador Pedro Calmon, é bastante oportuno saber-se um pouco mais sobre essa mulher que dignifica a literatura pátria, elevando inclusive o nome do Brasil no exterior.

A escritora não é apenas um patrimônio nacional, mas uma criatura admirada e respeitada no panorama literário universal, com livros vertidos para várias línguas.

Ela não vive apenas para o seu ofício, que exerce com obstinação e disciplina, mas participa ativamente da vida pública. Defende na prática os seus ideais com a mesma convicção de estar contribuindo para uma melhora da condição de vida do ser humano como quando desenvolve, pela voz de suas personagens, o discurso que irá influir necessariamente no pensamento de seus leitores.

Suas obras são escritas não só para atender a uma vocação, para exorcizar seus fantasmas, como para influenciar na conscientização do leitor, para transmitir a coragem de se lutar para que prevaleça, através da força da esperança, o bom senso e a ascensão do ser humano.

Ela exerce de modo efetivo o seu papel porque, nos seus próprios dizeres, a função do escritor é: "Ser testemunha do seu tempo e da sua sociedade. Escrever por aqueles que não podem escrever. Falar por aqueles que muitas vezes esperam ouvir de nossa boca a palavra que



Foto: Luiz Mendes

Lygia Fagundes Telles

gostariam de dizer. Comunicar-se com o próximo e se possível, mesmo por meio de soluções ambíguas, ajudá-lo no seu sofrimento e na sua esperança".

Participa de todos os movimentos

que possam melhorar a condição do povo. É entusiasta do movimento feminino, e acredita na convivência necessária, pacífica e de respeito mútuo entre homem e mulher. Aliás, mesmo a princípio inconscientemente, foi uma das pioneiras do movimento feminino no Brasil, através de seus escritos e de sua atuação nos meios estudantis na juventude, quando se formou em Educação Física e cursou Direito nas Arcadas, tornando-se procuradora do Estado, em São Paulo.

Agora, conscientemente, continua a contribuir para a causa, na medida que seu tempo exíguo lhe permite, nos debates, nas reuniões, nas praças, nos salões e em entrevistas, para as quais é tão assediada. Luta pela democracia verdadeira, pelas conquistas das ditas minorias, pela completa integração do ser humano. Ela própria afirma: "Estamos em luta por esta paz".

No momento, trabalha em ritmo acelerado para fazer chegar ao público ainda este ano, seu novo romance **Horas Nuas**, que, como boa cultora do mistério, não conta nem para os mais íntimos do que trata. E, após um breve descanso, que Lygia é imortal, mas também muito humana, voltará à sua máquina de escrever. Seu ofício é seu destino, sua paixão.

Amaryllis Schloenbach é poeta, jornalista, tradutora e advogada.

## O Discurso de Posse

*"Imaginar agora uma reunião na linha dos malditos, dos raros. Daqueles que, pelos caminhos mais inesperados, escolheram a ruptura. Fora do tempo e ocupando o mesmo espaço, estão todos numa sala, é noite. Os gênios ignorados num país de memória curta, que parece preferir os mitos estrangeiros que continuam nos vampirizando, já estamos quase esvaídos e ainda oferecemos a jugular no nosso melhor inglês, 'o vosso amor é uma honra para mim.' Pois imaginai essa reunião com gente aqui da terra: abraçado à sua viola, num canto de sombra está Gregório de Mattos, ouvindo embevecido o piano de Villa-Lobos. Ao lado, um homem pequeno (o Aleijadinho?) diz qualquer coisa que faz Guimarães Rosa rir seu riso luminoso. Tarsila desenha em silêncio, observada por Oswald de Andrade que gesticula e fala, enquanto Cruz e Souza se aproxima de Castro Alves que conversa com Glauber Rocha em tom de conspiração. Vislumbro o perfil de Brecheret. Corre o vinho. Há mais convidados sim, mas os vultos se esgueiram e se confundem em meio da fumaça penumbrosa dos charutos. Lima Barreto, o moderador da mesa, tira a palheta*

*e começa a falar, mas ninguém presta atenção, reina a indisciplina. 'É raro encontrar homens assim - diz ele - mas, os há e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça'. Pedro Calmon está atento para registrar e interpretar a contraditória história, matéria para a eternidade. Chama Mário de Andrade e aponta, na vidraça da janela, dois olhos verdes que espiam enviesados. Mário abre a porta e o sorriso. O convite é à maneira bandeiriana: 'Entra, Clarice, a casa é sua, você não precisa pedir licença...'*

*Senhores Acadêmicos, Senhora Acadêmica:*

*Antes da Academia Francesa de Letras, que foi nosso modelo, receber Marguerite Yourcenar, esta Academia Brasileira de Letras teve o beau geste de abrir suas portas para Raquel de Queiroz. Em seguida para Dinah.*

*"Não quero um trono, diria também Raquel de Queiroz. Quero apenas esta cadeira".*



# O direito de não amar

Lygia Fagundes Telles

**S**e o homem destrói aquilo que mais ama, como afirmava Oscar Wilde, a vontade de destruição se aguça demais quando aquilo está amando um outro. O egoísmo, sem dúvida o traço mais poderoso de qualquer sexo, transborda então intenso e borbulhante como água em pia entupida, artérias e canos congestionados na explosão aguda: "Nem comigo nem com ninguém". Deste raciocínio para o tiro, veneno ou faca, vai um fio.

A segunda porta foi a que escolheu aquele meu colega de Academia quando descobriu que a pior das vinganças é não matar mas deixar o objeto amado viver, viver à vontade, "pois que ela viva" - decidiu ele na sua fúria vingativa.

Amou-a perdidamente. Acho que nunca vi ninguém amar tanto assim, talvez com a mesma intensidade com que ela amava o primo, disse isso mesmo numa hora de impaciência, estou apaixonada por outro, quer ter a bondade de desaparecer da minha frente? Mas o meu colega (vinte anos?) acreditava na luta como ele lutou, meu Deus, como ele lutou! Tentou conquistá-la com presentes, era rico. Depois, com intermináveis poemas de amor, era poeta. Na fase final, no auge da cólera - era violento - começou com as ameaças. Ela guardou os presentes, rasgou os poemas, fez a queixa a um tio que era delegado da seção de homicídios e foi cair nos braços do primo sem o recurso das rimas e dos diamantes mas que conseguia fazê-la palpitar mais branca e perfumada do que a açucena do campo.

Meu colega dava murros nas paredes, nos móveis. Puxava os cabelos "ela não tem o direito de me fazer isso"! Com a débil voz da razão, tentei dizer-lhe que ela bem que tinha esse direito de amar ou não amar, vê se entende essa coisa tão simples! Mas ele era só ilogicidade e desordem: "Vou lá, dou-lhe um tiro no peito e me mato em seguida!" - jurou. Mas a tantos repetiu esse juramento que fiquei mais tranquilizada, com a esperança de que a energia canalizada para o ato acabaria se esaurindo nas palavras.

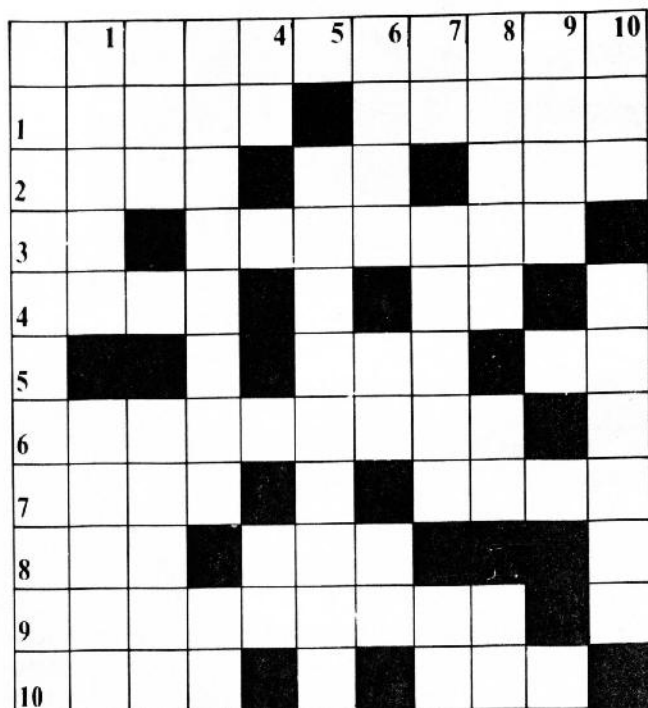
**O** que aconteceu. Uma noite me procurou todo penteado, todo contido, com um sorrisinho na canto da boca, sorriso meio sinistro, mas lúcido: "Achei uma solução melhor", foi logo dizendo. "Vou ficar quieto, que se case com esse tipo, ótimo que se casem depressa porque é nesse casamento que está minha vingança. No casamento e no tempo. Se nenhum casamento dá certo, por que o deles vai dar? Vai ser infeliz à beça! Pobre, com um filho debilóide, já andei investigando tudo, ele tem retardados na família, ih! o quanto ela vai se arrepender, por que não me casei com o outro? Vai ficar gorda, tem propensão para engordar e eu estarei jovem e lépido porque sou esportista e rico, vou me conservar mas ela, velha, obesa, ô delícia!"

Há ainda um terceira porta, saída de emergência para os desiludidos do amor, não, nada de matar o objeto da paixão ou esperar o pensamento negro de ódio que ela vire uma megera jogando moscas na sopa do marido hemiplégico, mas renunciar. Simplesmente renunciar com o coração limpo de mágoa ou rancor, tão limpo que em meio do maior abandono (difícil, hem!) ainda tenha forças para se voltar na direção da amada como um girassol na despedida do crepúsculo. E desejar que ao menos ela seja feliz.

Lygia Fagundes Telles elabora seus livros com o mesmo carinho de mãe, que abriga em suas entranhas o filho desejado. Para ele todas as atenções, cuidados e pensamentos. Assim tem sido com todos os frutos nascidos de sua paixão pelo ofício de escrever. Desde *Praia Viva* (contos), 1944; *O Cacto Vermelho* (contos), Prêmio Alonso Arinos, 1949; *Ciranda de Pedra* (romance), 1954; *Histórias do Desencontro* (contos), Prêmio do Instituto Nacional do Livro, 1958; *Verão no Aquário* (romance), 1963; *Histórias Escolhidas* (contos), Prêmio Boa Leitura, 1964; *O Jardim Selvagem* (contos), Prêmio Jabuti, 1965; "Trilogia da Confissão" em *Os Melhores Contos do Brasil* (premiado no I Concurso Nacional de Contos do Paraná), 1968; *Antes do Baile Verde* (contos), Prêmio Guimarães Rosa, 1971; *Seleção* (contos), 1971; *As Meninas* (romance), Prêmio Coelho Neto, Prêmio Ficção e Prêmio Jabuti, 1973; *Seminário dos Ratos* (contos), Prêmio Pen Club do Brasil, 1977; *Filhos Pródigos* (contos), 1978; *A Disciplina do Amor* (livro de fragmentos), Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes, 1980; *Mistérios* (contos), 1981; até *Os Melhores Contos de Lygia Fagundes Telles*, 1984.

A grande maioria de seus livros, já com várias edições, se encontra esgotada. Tem textos editados em coletâneas e antologias, de vários países e obteve em Cannes, o Grande Prêmio Internacional Feminino Estrangeiro.

# Palavras Cruzadas



## HORIZONTAIS

1. Utensílio de barir massa e bater no marido; limpar;
2. Também; para ele; Organização das Nações Unidas;
3. Ataque com ocupação;
4. Zona de interesse de tráfego; Gás que respiramos;
5. Norma; Iniciais Assistência Técnica
6. Nome de homem;
7. Irmã da mãe; Banco de coral;
8. União americana; Metal
9. Xereta;
10. Ruído de rato; apêndice para voar.

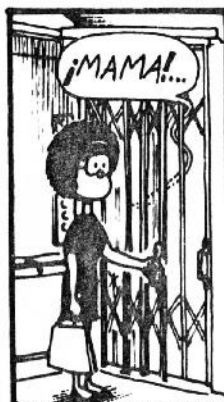
## VERTICAL:

1. A parte inferior da planta; agir;
2. Organização do trabalho; Satanás;
3. Estudo; no local;
4. América Latina;
5. Torrente e palavras que a gente fala para o marido quando está com raiva;
6. Homenagem; Ele, em espanhol;
7. A porta; dela;
8. Planar; Otacilio Torres
9. Doze meses
10. Rápido Ultra; País da Europa

Resultado

Horizontalis: 1 - rolo, lavar; 2 - atê, ao, ONU; 3 - i, invasão; 4 - zita, ar, it; 5 - u, lei, at; 6 - adroado; at; 7 - tia, m, atol; 8 - ua, ago, it; 9 - abelhudo; at; 10 - rom, e, asa.

Verticalis: 1 - raiz, atuar; 2 - ol, i, diabo; 3 - leitura, cm; 4 - o, n, o, al; 5 - avalanche; 6 - lo, el, out; 7 - a, saída, dat; 8 - voar, ol, os; 9 - ano, a, o, at; 10 - ru, itaia.



# AVANÇOS E DESAFIOS DA NOVA MULHER.

## Programa

Dia 17 de julho, sexta

16:00 - Inauguração da exposição de fotos e publicações de entidades emancipacionistas.

19:00 - Abertura.

20:00 - Paineis sobre a "Imprensa feminina."

- . Belisa Ribeiro, jornalista
- . Heloneida Studart, jornalista e escritora
- . Inês Castilho, jornalista do periódico Mulherio
- . Telia Negrão, jornalista da revista Presença da Mulher

Dia 18 de julho, sábado

8:30 - Paineis sobre "A opressão da mulher na sociedade; a organização feminina e as perspectivas."

- . Jacqueline Pitanguy, presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
- . Jô Moraes, presidenta do Movimento Popular da Mulher de Belo Horizonte
- . Elizete de Sousa, diretora do Sindicato dos Têxteis da Bahia
- . Iracema dos Santos, diretora do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barrinha, São Paulo
- . Gisela Mendonça, presidenta da UNE.

10:00 - Debate.

14:00 - Discussão em grupos sobre as perspectivas de luta da mulher e suas formas de organização.

- . Direitos políticos e Constituinte
- . Aplicação do Plano de Assistência Integral à Saúde da Mulher - PAISM - e pelo fim do controle da natalidade
- . Creches nos locais de trabalho e moradia
- . Fim da violência e por uma nova imagem social da mulher

17:00 - ESPAÇO CONSTITUINTE, com as deputadas:

- . Lídice da Mata - PC do B - BA
- . Ana Rattes - PMDB - RJ
- . Benedita da Silva - PT - RJ
- . Moema São Thiago - PDT - CE
- . Beth Azize - PSB - AM
- . Jandira Feghali - PC do B - RJ

20:00 - Tempo cultural, sob a coordenação do Movimento Cultural Solte a Voz, RJ

- . Manifestações culturais das caravanas dos Estados.

Dia 19 de julho, domingo

10:00 - Plenária de Encerramento.

- . Aprovação da Carta das Mulheres.

## Faça sua assinatura

PRESENCIA DA  
MULHER

Nome .....  
Profissão ..... Telefone .....  
Endereço .....  
Bairro ..... CEP .....  
Cidade ..... Estado .....  
Assinatura ..... Data .....  
☐ Anual comum: Cz\$ 150,00 A partir do nº .....  
☐ Anual de apoio: Cz\$ 300,00 A partir do nº .....  
☐ Semestral comum: Cz\$ 75,00 A partir do nº .....  
☐ Semestral de apoio: Cz\$ 150,00 A partir do nº .....  
Exterior: Us\$ 20

**PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DA EDITORA LIBERDADE MULHER LTDA.**

Rua dos Bororós, 51 - 1º andar - 01320 Bela Vista - São Paulo - SP - Fone: 279-3646

# 1º ENCONTRO NACIONAL DE ENTIDADES EMANCIPACIONISTAS DE MULHERES

**17, 18 19 de julho de 1987**  
**Rio de Janeiro**

**Iniciativa:**  
**Revista Presença da Mulher**

**Promoção:**  
**Associação Liberdade Mulher do Rio de**  
**Janeiro (sudeste)**

**União de Mulheres de Curitiba (sul)**  
**Centro Popular da Mulher de Goiás**  
**(centro-oeste)**

**União de Mulheres de Belém (norte)**  
**União de Mulheres de**  
**Salvador (nordeste)**

**Local do Encontro:**  
**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**- Praia Vermelha**

**Coordenação geral:**  
**Ana Maria Rocha, diretora da Revista**  
**Presença da Mulher**

**Apoio:**  
**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**INAMPS - RJ**  
**Movimento Cultural Solte a Voz**